

LIVIA CRISTINA COSTA CARVALHO

**O ENVELHECIMENTO DOS MIGRANTES: DIÁLOGOS COM
MARANHENSES RESIDENTES EM SÃO PAULO**

Mestrado em Gerontologia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LIVIA CRISTINA COSTA CARVALHO

**O ENVELHECIMENTO DOS MIGRANTES: DIÁLOGOS COM
MARANHENSES RESIDENTES EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia, sob a orientação da Prof^ª. Doutora Suzana Aparecida Rocha Medeiros.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo
2007

BANCA EXAMINADORA:

DEDICATÓRIA

À minha mãe Gonçala, fonte de inspiração e afeto que percorreu comigo os primeiros caminhos. (in memoriam).

Ao Marcelo, que faz da minha vida melhor. Amar se aprende amando.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força suprema, por me oferecer tantas oportunidades e me fortalecer nesta caminhada.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Suzana Aparecida Rocha Medeiros, que me acompanhou nas idas e vindas, definições e indefinições que marcaram o longo período de maturação do presente trabalho, por sua sabedoria, sendo sempre paciente e dedicada, meu agradecimento muito particular.

Ao corpo docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, que me fez perceber a diversidade da velhice. Em especial, à coordenadora Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth F. Mercadante, pela sensibilidade, competência e afeto quando compartilhou seus conhecimentos e experiências.

À Prof^ª. Dr^ª. Beltrina Côrte, pela capacidade de semear com seus alunos e amigos, pela carinhosa acolhida nos momentos mais importantes e pela contribuição valiosa na banca de qualificação.

À Prof^ª. Dr^ª. Ruth G. da Costa Lopes, por me mostrar, entre tantas coisas, que as experiências que vivenciamos somente têm significado quando refletimos sobre elas, bem como pelas preciosas sugestões na banca de qualificação.

À Manoela A. Ballester, secretária do programa, pela sua dedicação e apoio no decorrer do Mestrado.

Aos participantes desta pesquisa, migrantes maranhenses, que compartilharam suas trajetórias, pensamentos e sentimentos, abrilhantando assim este estudo.

Aos amigos de curso: Bernadete Maciel, Marlene, Elisabeth, Aline, Ana Lúcia, Áurea, Bernadete Oliveira, Maria Amélia e Bernardo, que compartilharam as alegrias e angústias da experiência de ser mestrando, eterna lembrança de vocês, queridos.

Quero agradecer carinhosamente à Ana Karina, minha amiga revisora e estimuladora, em sua infinita disponibilidade e dedicação nas horas difíceis desta dissertação. As tantas palavras foram fundamentais para o trabalho ser concluído. Sou grata também pela participação da Andréia na correção final deste trabalho.

À APG-PUCSP, que amplia as possibilidades acadêmicas, pelo apoio e motivação durante toda a jornada dos incansáveis Marcelo e Iara. Além das reflexões e amizades dos colegas Eglê, Vivian, Paulo, Thiago, Camila e, em especial, Ernani e Vladimir.

À comunidade Marcelina, as irmãs Leonilda e Maria, que me ajudaram no início da trilha paulistana. Em especial, as amigas Luciana Ricci, Bel, Janice, Fabiana, Natália e Alessandra.

Ao Toninho e família, pela amizade e presença constante em todos os momentos, vocês também são responsáveis pela concretização desta etapa de minha vida. Nunca esquecerei tudo que fizeram por mim.

Aos amigos que continuam no Maranhão: Lísia, Andréa e Sandro, Andréa Dircksen, Afonso, Veruska, Isidoro e José Cláudio. Especialmente, Socorro Ramos, que sempre me acompanhou no desenvolvimento pessoal e profissional.

À Keila e à Michele, pela amizade e paciência, agüentando firme na finalização deste trabalho.

Às minhas irmãs, pai, tios(as), primos(as) e às minhas queridas sobrinhas que sempre torceram por mim e entenderam minha ausência para realização desta dissertação, e especialmente à Tia Esther.

Ao CNPQ, que subsidiou esta pesquisa.

“Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? Pergunta
Kublai Khan. A ponte não é sustentada por esta ou
aquela pedra. Responde Marco. Mas pela curva do arco
que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio,
refletindo. Depois acrescenta: Por que falar das pedras?
Só o arco me interessa. Polo responde: Sem pedras
o arco não existe”.

(Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 2003)

RESUMO

Este estudo discute o significado de envelhecer para o migrante, através da experiência vivenciada pelos maranhenses no cenário paulistano. O indivíduo que se desloca de uma região para outra, no interior de um país, é denominado migrante. Envelhecer na cidade de São Paulo, uma metrópole, trazendo ou não seu núcleo familiar, tem repercussões nos aspectos subjetivos e nas relações sociais. A abordagem qualitativa foi o método escolhido para identificar as singularidades do processo de envelhecer vivenciado pelo migrante, sem fragmentá-lo de sua própria história. Por meio das redes sociais existentes, a pesquisadora buscou encontrar os interessados em participar deste trabalho; foram entrevistadas quatro pessoas, três homens e uma mulher, com idades entre 62 e 70 anos. Todos moram em São Paulo há mais de duas décadas. Através das lembranças, as falas recuperam a trajetória percorrida e à medida que os participantes relatam suas vivências e impressões, novos significados são construídos. Ao final, podemos dizer que não há um padrão de migrantes velhos maranhenses. Se eles realizarem os objetivos que impulsionaram sua migração, o saudosismo não se coloca de maneira excessivamente idealizada. No entanto, tanto para quem se diz satisfeito na metrópole quanto para os que sonham em retornar, as características culturais são forte alento frente ao envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento, migração, cidades, gerontologia, pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

This study discusses the meaning of aging to migrants through the life experience of the “the maranhenses” in the city of Sao Paulo. One calls “migrant” the individual who moves from one place to another within a particular country. Becoming old in the city of São Paulo, a metropolis, whether bringing or not their family nucleus along with them, causes important repercussions that affect the migrants’ subjective aspects and social relations. Therefore, the qualitative approach was chosen as the method to identify the specifics of the aging process of such migrants, without separating the individuals from their historical background. By making use of the existing social networks, the researcher tried to find people interested in participating in this essay. A total of four people were interviewed, three men and a woman, between the ages of sixty-two and seventy. They have all been living in São Paulo for more than two decades. Their memories helped them recover the journey they endured throughout the time, and as they told their life experiences, new meanings were formed. At the end, we can affirm that there is not a pattern for the old “maranhense” migrants. If they have been able to accomplish the goal that caused them to migrate, the feeling of nostalgia is not expressed excessively idealized. However, both for those who affirm to feel satisfied at the metropolis as for those who dream of going back to their home towns, their cultural backgrounds are a strong element of comfort as they face aging.

Key words: aging, migration, cities gerontology, qualitative research

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA | 18 |
| 1.1 Migrantes e Migrações | 20 |
| 1.1.1 A dinâmica do nordeste no contexto brasileiro | 24 |
| 1.2 Lugares dos Migrantes: Maranhão e São Paulo | 28 |
| 1.2.1 Maranhão | 29 |
| 1.2.2 São Paulo | 31 |
| 1.2.3 Raízes do Maranhão em Sampa | 36 |
| 1.3 Envelhecimento e suas dimensões | 39 |
| 1.3.1 Velhos migrantes: dupla exclusão? | 43 |
| 2. CAMINHOS PERCORRIDOS | 46 |
| 3. TRAJETÓRIAS VIVIDAS | 51 |
| 3.1 A Partida | 54 |
| 3.1.1 Paradas antes de São Paulo | 56 |
| 3.2 Conversas de Chegada | 57 |
| 3.3 Mudanças de Vida: Família, Moradia e Trabalho | 61 |
| 3.4 Ser maranhense em São Paulo | 69 |
| 3.5 Versões Maranhenses do processo de envelhecimento em São Paulo | 73 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| REFERÊNCIAS | 82 |
| APÊNDICES | 87 |

A dinâmica da migração e a convivência com idosos é um registro que faz parte da minha trajetória pessoal. Apesar de ser natural da cidade de Grajaú-MA, boa parte de minhas lembranças são de Teresina-PI, lá foi onde passei toda a infância. Fui criada e educada por minha avó paterna, a quem eu chamava e continuo chamando de mãe, e por uma tia, que possibilitaram construir meus primeiros aprendizados de criança e muitas lembranças saudosas de juventude.

Desde essa época, as características que marcam o corpo no período da velhice, não me incomodavam – os cabelos embranquecidos da minha mãe, as mãos enrugadas, os vestidos rodados encobrendo suas “anáguas” – ao contrário, encantava-me com as diversas histórias contadas; o baú onde guardava seus especiais pertences, lá também ficava minha melhor boneca, que tenho até hoje; além das cantigas que acompanhavam seus leves toques para me despertar antes de ir para escola e fazer as travessuras de criança levada que fui.

A minha adolescência se aproximava, quando um inesperado AVC pegou de surpresa a mamãe e a todos nós ao seu redor . Em menos de setenta e duas horas, veio a óbito. Esse fato causou uma saudade infundável: não foi fácil aceitar sua perda. O momento de luto foi seguido de muitas mudanças, entre elas, sair de Teresina e morar com tia Esther em São Luís.

Em São Luís do Maranhão, mesmo sentindo muita falta de minha mãe, passou a ser interessante desvendar este novo lugar e as novas pessoas, pois nesta situação diferente, saboreava as aventuras da adolescência, recheadas dos paladares e gestos maranhenses que, por não serem poucos, me alegravam e marcavam.

A mudança de cidade foi propícia para praticar muito do que eu tinha aprendido com minha mãe. Entre as experiências que foram surgindo, posso destacar as crises no final da adolescência, os primeiros beijos de “namoricos”, a busca por respostas para o mundo e a vida, além do surgimento das escolhas profissionais.

O tempo continuou suas voltas. Trilhei os caminhos acadêmicos, já que estes eram partes dos planejamentos feitos durante as infinitas noites não dormidas para estudar e estreitar o relacionamento com uma abordagem teórica, entre livros e publicações científicas da área escolhida na universidade e que ampliaram minha visão de mundo. Ser Assistente Social, a profissional que trabalha com pessoas, por pessoas ou para pessoas, tem me apresentado o desafio de respeitar a dignidade humana, em cada momento da vida. Neste estudo, porém, focarei apenas as peculiaridades da velhice.

Através das atividades exigidas pelas professoras em sala de aula, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no ano de 2000, conheci o projeto “Idoso em Ação”, implementado por uma equipe multidisciplinar da Gerência de Desenvolvimento Regional de São Luís – GDRSL (Assessoria Social), coordenado pela assistente social Socorro Ramos, responsável por todas as ações na área social da instituição. Depois de apresentar o seminário, dei continuidade à visita, à participação no projeto e, no mesmo ano, fui convidada para cumprir estágio no Projeto “Disque Idoso”, realizado por essa Gerência em parceria com o Ministério Público. Essa experiência fez com que obtivesse variadas informações sobre os idosos da minha cidade, principalmente sobre os serviços de saúde, lazer e órgãos de defesa dos seus direitos.

Igual a todo projeto, esse também teve seu término, mas a semente da defesa dos direitos dos idosos já tinha germinado em mim. Mesmo sabendo das outras áreas de atuação do Serviço Social, fiquei curiosa para conhecer mais estudos e pesquisas acerca do idoso e do processo de envelhecimento. Novamente, Socorro Ramos, como presidente do Conselho Estadual do Idoso (CEI-MA), atenta às minhas expectativas, convidou-me a participar do referido órgão, agora, extra-curricularmente.

Conviver com representantes das Entidades da Sociedade Civil e dos Órgãos Governamentais foi uma experiência que leituras formais nunca me proporcionariam.

Chamava minha atenção a qualidade das demandas: os idosos procuravam toda e qualquer forma de concretização de seus direitos, individuais e coletivos. Tive a felicidade de participar da implantação do estágio curricular, através de parceria entre a UFMA e o CEI-MA.

Ao fim da graduação, fui estagiária na Promotoria Especializada nos Direitos dos Idosos e Pessoas com Deficiência, da comarca de São Luís, no Setor de Serviço Social. Posso descrever esse período como intenso e instigante. Todos os dias chegavam denúncias e/ou encaminhamentos que feriam os direitos dos idosos, ocasionados por má fé até por pura ausência de informação. No começo, sentia revolta em presenciar tanto descaso com o idoso, independente da classe social. Depois, verifiquei que esse campo de atuação me levou a testar a efetivação das leis na defesa da dignidade humana.

Tais momentos desafiadores que vivenciei, nos dois campos de estágio, foram frutíferos para minhas pesquisas acadêmicas, quando pude perceber se os próprios idosos, ao enfrentar tantas adversidades, participavam ou não da sociedade ludovicense. Realizei ações socioeducativas e proferi palestras nos Grupos de Convivência nos bairros da Cohab, Maracanã, Bequimão e Turu, na cidade de São Luís. Utilizei essa experiência na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste trabalho, abordei o processo de envelhecimento no grupo de convivência de idosos, a partir da experiência do “Amigos da Terceira Idade”, apreendendo as perspectivas e limitações encontradas no cotidiano de seus participantes.

Motivada pelas leituras das publicações e pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Estudo em Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, além das recomendações de mestrandos e docentes que o integrava, meu conhecimento em gerontologia social foi amadurecendo. Submeti-me ao processo de seleção para o mestrado, no qual obtive êxito, e assim pude dar continuidade aos estudos e ter a oportunidade de pesquisar a desafiadora complexidade do processo de envelhecer.

A mudança de São Luís para São Paulo, possibilitou vivenciar a experiência de migração. Por diversas vezes, experimentei a sensação de estar ilhada pela estranheza, intimada a inovar meu conhecimento de mundo, aprendendo a revelar novos olhares, explorar outros mundos de saberes e sabores diferenciados. Exemplo disso foi conhecer os horários das Marcelinas, pensionato feminino administrado por velhas religiosas; passei a interagir em um novo cotidiano, juntamente com pessoas que moravam comigo e que eu ainda nem conhecia. Com o passar dos dias, o pensionato me proporcionou novas amizades.

Para a psicanalista Lent, “o migrante terá que escrever a poesia que assuma a ruptura, que a sintetize, a recrie.” (1993, p. 37).

Nesse contexto, as discussões contribuem para minha pesquisa, quando o sujeito que se desloca para morar noutro lugar, trazendo ou não seu núcleo familiar, cria impactos nos aspectos internos e externos dele e das pessoas com quem ele afetivamente mantém relação.

Santos (2005) realizou uma pesquisa sobre a totalidade do lugar, ressaltando os movimentos do tempo para a sociedade construir sua história geográfica, afirmando que “seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse a existência como tempo histórico; é igualmente impossível imaginar que a sociedade possa realizar-se sem o espaço ou fora dele. A sociedade evolui no tempo e no espaço.” (p. 63).

De modo geral, as condições criadoras de deslocamento de pessoas ou grupos da região Nordeste para outras regiões do país surgem da ausência de condições de vida digna, tendo em vista o desenvolvimento dos espaços no território brasileiro, em ritmos diferentes, historicamente.

As transformações das redes de relações sociais tornam o espaço significativo. Por exemplo, chegar a São Paulo na trilha de algum parente, que nos recebe na cidade e nos ajuda a arrumar trabalho, como parte do compromisso moral entre os familiares. É através,

geralmente, da rede de parentesco que o migrante conhece, interpreta e traduz o novo lugar, neste caso, uma metrópole (DURHAM, 1973).

As pessoas que vieram para São Paulo no período da década de 70 e continuam morando aqui, envelheceram nesta cidade. Qual o significado desse processo para elas? Investigar como se referem ao período entre a saída da cidade de origem – supostamente com um sentimento de pertencimento estabelecido – passando a conviver com um cotidiano desconhecido, enfrentando dilemas e conflitos subjetivos referentes ao processo e à experiência de mudar de lugar.

O envelhecimento é um processo diversificado, influenciado pelos aspectos biológicos, psicossociais e culturais. Cada pessoa expressa de maneira singular esse período da vida, assim como os sujeitos dessa pesquisa relatam em seus depoimentos.

Ao analisar o significado de envelhecer para o migrante, procurei apreender a experiência vivenciada através das trajetórias dos maranhenses no cenário paulistano.

Para explicitar e refletir sobre os aspectos mencionados anteriormente, além da introdução, dividi o trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “**Contextualização do Tema**”, abordo os referenciais teóricos adotados no estudo, referentes à migração e à velhice. Descrevo, brevemente, algumas características do Maranhão e da cidade de São Paulo como palco dos sujeitos pesquisados.

No segundo capítulo, “**Caminhos Percorridos**”, apresento os sujeitos da pesquisa – os velhos maranhenses residentes na cidade de São Paulo – descrevendo a trajetória metodológica utilizada na pesquisa.

No terceiro capítulo, “**Trajetórias Vividas**”, apresento os dados coletados, analisando-os segundo o referencial teórico adotado.

Finalmente, nas “**Considerações Finais**”, faço as últimas reflexões, que além de retomarem os aspectos mobilizados na construção desta dissertação, procuram vislumbrar ações que possam responder aos questionamentos iniciais.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Ao aprofundarmos nosso conhecimento da história da humanidade, notamos que as migrações sempre fizeram-se presentes. Alguns elementos são indispensáveis e a ausência destes favorece a procura de um lugar considerado melhor para que o homem se desenvolva, a fim de explorar suas potencialidades.

O indivíduo que se desloca de uma região para outra, no interior de um país, é denominado cidadão migrante. Em sua nova moradia, o migrante poderá constituir sua própria família, conseguir nova ocupação profissional e construir relações sociais no local para onde migrou. O contrário também pode ocorrer: o indivíduo pode deixar as relações familiares, profissionais e sociais na localidade de origem para tentar a “sorte” em outra cidade. Esse fato, no entanto, não anula a possibilidade de fazer novos amigos, conquistar outro emprego, ocasionando uma possível migração dos seus familiares. Outro fato também pode ocorrer: o retorno para o local de origem, principalmente quando a família toda não migrou junto.

O espaço geográfico – incluindo as cidades, uma realidade em processo permanente de transformação – tem sido estudado através de um grande número de disciplinas: Geografia, Economia Regional e Urbana, Sociologia Urbana, Urbanismo, Arquitetura, Análise regional, Planificação Urbana e Regional etc. Cada uma dessas áreas de conhecimento adotou um enfoque particular e, também, dir-se-ia, uma epistemologia particular.

Santos (2005) destaca que o espaço tem um papel privilegiado, na medida em que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam.

Guerriero acrescenta outros significados ao lugar, ao percebê-lo como espaço de moradia que proporciona conforto e segurança a uma casa, unidade acolhedora. A autora, em sua dissertação de mestrado, pesquisou o cotidiano dos idosos moradores de repúblicas na cidade de Santos, e afirma que:

Sendo a base da vida em comum, o espaço da moradia oferece a oportunidade do exercício de uma ação própria e peculiar a cada pessoa, que a individualiza e, simultaneamente, a coletiviza, já que o lugar é compartilhado, cotidianamente, entre as pessoas. A ação comunicativa, as manifestações de criatividade, a atividade, a emoção, o descanso com suas objetividades e subjetividades próprias, individuais e compartilhadas, se complementam para transformar o lugar em espaço. (GUERRIERO, 2002, p. 54).

Mas, o que leva uma pessoa a querer sair de determinado lugar para viver em outro?

Geralmente, o impulso principal é a esperança de uma vida melhor: sonhos, planos de melhoria e sucesso. Mudanças como essas parecem simples, porém mexem com diversas estruturas, como veremos adiante, acrescentando aspectos tanto positivos como negativos à sociedade.

1.1 MIGRANTES E MIGRAÇÕES

Johnson (1997, p. 749), no Dicionário de Sociologia, define migração como “o movimento físico de indivíduos dentro e entre sistemas sociais”. O movimento migratório trilha os espaços construídos pelos homens, na medida em que testemunha uma forma de lutar pela existência em um determinado momento histórico. Os dados históricos confirmam a idéia do autor:

Nas suas origens naturais, inclui-se primeiro as migrações separadas do *Homo Erectus*, sendo depois seguidas das do *Homo Sapiens*, saindo de África, através da Euroasia, sem dúvida, usando algumas das rotas disponíveis, pelas terras, para o norte dos Himalaias, que se tornaram posteriormente a Silk Road, e através do Estreito de Gibraltar. Sob a forma de conquista, a pressão das migrações humanas afeta as grandes épocas da história (e.g. a queda do Império Romano no Ocidente); sob a forma de migração colonial, transformou todo o mundo (e.g. a pré-história e a história dos povoados da Austrália e Américas). A migração forçada tem sido um meio de controle social, dentro de regimes autoritários, mesmo sob livres iniciativas, é o mais poderoso fator no meio social de um país (e.g. o crescimento da população urbana). (AULETE, 1970, p. 235)

Richmond (1988) discorda dessa idéia com fundamentação histórica, e justifica sua análise tomando como referência o pensamento de Sasaki e Assis (2000), que, ao pesquisarem os clássicos – Malthus, Marx, Durkheim e Weber – demonstraram que a migração era analisada enquanto consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Para tanto, Sasaki e Assis afirmam:

Segundo Malthus, a migração era vista como uma consequência inevitável da superlotação. Este pensamento derivava de sua concepção de que a população crescia em ordem geométrica, enquanto a capacidade de gerar tecnologias crescia em ordem aritmética. Já Marx discordava de Malthus, cuja visão ele considerava reacionária, pois apontava para a inevitabilidade e/ou naturalização da pobreza (...). Durkheim reconhecia a migração como um dos fenômenos de quebra das comunidades tradicionais mantidas juntas pelos laços de solidariedade mecânica. A transição para a solidariedade orgânica, baseada numa divisão social de trabalho e interdependência econômica, era frequentemente acompanhada pela anomia, ou o colapso do sistema de valores comuns, que resultava em desintegração social, que, por sua vez, poderia levar a consequência patológica. Tais incluíam crime, suicídio e conflito de grupo (...). Weber dizia que a migração era um fator incidental, criando novas classes sociais e grupos de status étnicos. (SASAKI; ASSIS, 2000, p. 03).

Nesse sentido, o tema da migração não era questão relevante na virada do século XIX para o XX, geralmente, era pesquisado como tema secundário. O marco referencial dos estudos internacionais foi a Escola de Chicago, que verificou a crescente mobilidade populacional da Europa para os países do Novo Mundo, particularmente os Estados Unidos, no início do século passado; sobretudo, tendo em vista a preocupação emergente nesse país com a constituição da sociedade frente à presença de imigrantes, sendo essa temática um debate ainda hoje bastante polêmico (SASAKI, ASSIS, 2000).

Atualmente, todos os continentes configuram-se em crescentes pólos de deslocamentos, trânsito e acolhida de pessoas que residem fora de sua cidade de origem. Cerca de 200 milhões de pessoas, ou 2,8% da população mundial são migrantes, como podemos perceber no *Atlas de migrations dans le monde*, publicado em 2005.

Segundo a Comissão de População e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU, 2006), os índices sinalizam para uma distribuição desigual das migrações, com

a concentração de 90% dos migrantes em somente 55 países. Espanha, Estados Unidos e Alemanha são os países que registram o maior aumento no número de imigrantes.

Os aspectos que diferenciam as migrações internas das internacionais são superficiais, pois as motivações para migrar, os tipos de pessoas que migram e os efeitos econômicos e sociais de ambos os tipos de deslocamentos são semelhantes. Segundo Renner e Patarra (1991), não existe uma teoria acabada acerca da mobilidade populacional. Apesar das questões culturais serem latentes, os aspectos legais tomam destaque nos sujeitos que cruzam as fronteiras nacionais.

No Brasil, ao longo de todo o seu território, as migrações, desde o tempo da colonização pelos europeus, estão relacionadas a fatores econômicos, seguidas pelo acelerado processo de mudança, com desenvolvimento da urbanização, uma vez que o êxodo rural brasileiro passa a ser aceito como deslocamento físico e natural, como realidade dada e que só posteriormente seria qualificado socialmente.

Durham (1973, p. 45) analisa a vida rural em movimento para a convivência urbana, abordando os aspectos socioeconômicos, considerando que o “deslocamento da população rural se dá das regiões mais economicamente atrasadas para as mais prósperas e se apresenta, em grande parte, com uma transferência de mão-de-obra para sistemas econômicos mais produtivos”.

Singer (1973), na pesquisa *Migrações Internas: Considerações Teóricas sobre seu estudo*, fez reflexões que apontam para o reconhecimento do caráter histórico das migrações e para o fato de resultarem de alterações ocorridas na produção do sistema capitalista; também acredita, integralmente, na influência do processo industrial brasileiro, naquele momento.

O Brasil possui cerca de 185 milhões de habitantes, estimativa do IBGE (2005). Ao longo dos últimos anos, o crescimento demográfico do país tem diminuído seu ritmo, que era

muito alto até a década de 1960. Em 1940, o recenseamento indicava 41.236.315 habitantes; em 1950, 51.944.397 habitantes; em 1960, 70.070.457 habitantes; em 1970, 93.139.037 habitantes; em 1980, 119.002.706 habitantes; e finalmente, em 1991, 146.825.475 habitantes.

Cerca de um terço dos brasileiros não vive onde nasceu. As migrações internas respondem por boa parte desse percentual que se desloca do campo para a cidade por causa da falta de oportunidades de trabalho em suas respectivas localidades.

Verificando as movimentações da população no espaço nacional, ocorre uma mistura de pessoas das mais diversas origens estaduais. Para Santos (2001), citado por Dowbor (1986), esse fenômeno versa sobre um verdadeiro nomadismo profissional, referindo-se aos deslocamentos de mão-de-obra agrícola graças à expansão da mecanização, a necessidade de mão-de-obra em culturas modernas e em áreas urbanas.

Analisando os dados do IBGE (2000), entre 1991 e 2000, percebemos que mais de 3,4 milhões de brasileiros migraram em busca de melhores condições de vida, conforme indica a tabela:

| Migração por Grandes Regiões – Brasil, 1991/2000 | | | | |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Regiões | Saídas | | Entradas | |
| | 1991 | 2000 | 1991 | 2000 |
| Norte | 277.298 | 285.422 | 408.516 | 318.464 |
| Nordeste | 1.354.449 | 1.457.360 | 477.915 | 623.960 |
| Sudeste | 786.796 | 950.797 | 1.426.934 | 1.546.192 |
| Sul | 470.654 | 338.628 | 285.264 | 338.043 |
| Centro-Oeste | 336.717 | 387.911 | 627.285 | 593.459 |

Fonte: IBGE

Menezes (2000) aborda os fluxos de habitantes e o recorte espacial no país, analisando as tendências atuais das migrações internas. Neste sentido, o movimento migratório releva o movimento de constituição das disparidades e desigualdades espaciais.

Sobre esse espaço desigualmente organizado e articulado, compreende-se a coexistência de processos espaciais em que novos tipos de fluxos migratórios se realizam, pois desse modo áreas de atração e áreas de repulsão ganham um novo significado.

1.1.1 A DINÂMICA DO NORDESTE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Não temos a pretensão de discutir ou de justificar as especificidades da questão regional no Brasil. Mas, para desenvolver o estudo sobre o envelhecimento dos migrantes maranhenses, percebemos a importância de, sinteticamente, apontar algumas características do Nordeste no contexto brasileiro.

Para Póvoa Neto (1994), o reconhecimento do Nordeste nem sempre foi uma categoria com ampla identidade social. Em vários momentos históricos, expressava-se muito mais sua posição geográfica que o reconhecimento de um espaço contínuo com características a serem consideradas em conjunto, conforme os argumentos do referido autor:

O conceito de “Nordeste” não tem qualquer trânsito no século XIX. Cabe destacar apenas alguns esboços de divisão regional elaborados por geógrafos como o francês Elisée Reclus em 1893 (que chama de “costa equatorial” o atual litoral nordestino) e os brasileiros Said Ali e Delgado de Carvalho, que em 1905 e 1913 reconhecem uma região “Norte-Oriental”. No caso dos dois últimos autores, trata-se da elaboração de critérios para manuais didáticos em nível de ensino básico. (PÓVOA NETO, 1994, p. 20)

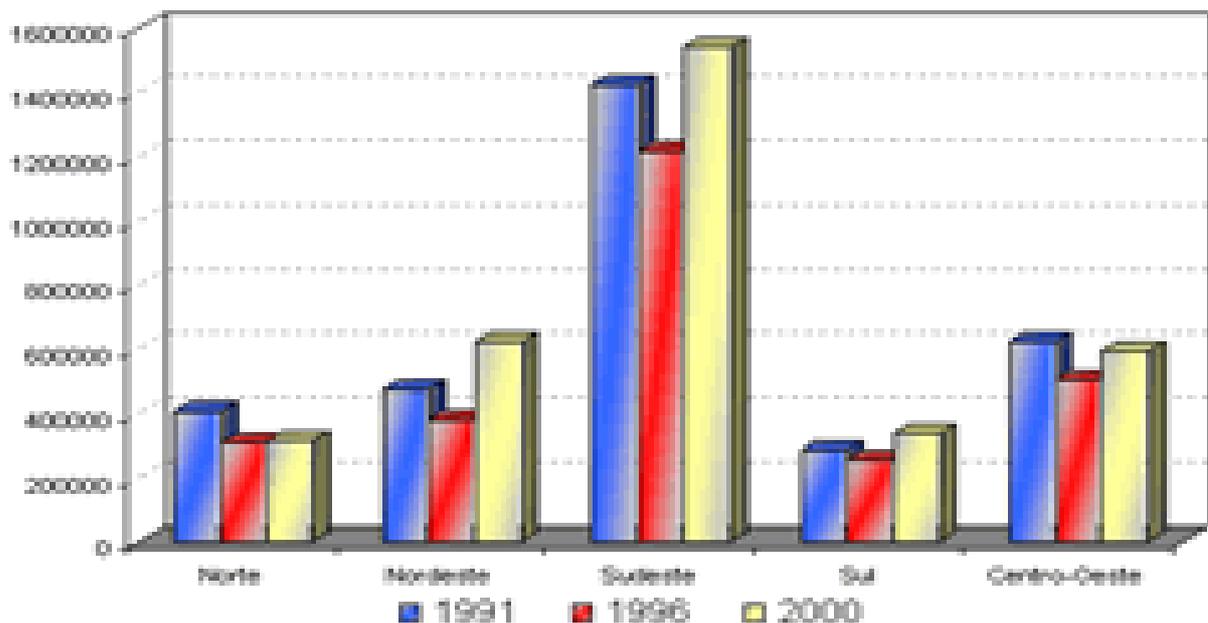
A configuração dos recortes espaciais cria sua própria realidade e, ao mesmo tempo, produz lutas sociais frente às dificuldades enfrentadas na cidade de destino, pois o nordestino tornou-se um migrante brasileiro por excelência.

No século XX, o nordestino foi predominantemente responsável pelo desenvolvimento da indústria e da construção civil em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília. Vale ressaltar que devido, principalmente, ao problema da seca na região

do sertão nordestino, somada à grande oferta de empregos em outras regiões, nas décadas de 60, 70 e 80; essas pessoas, ao buscarem uma melhoria na qualidade de vida, acabaram encontrando um contexto desfavorável em relação às suas expectativas, além de sofrerem preconceito socioeconômico na vida cotidiana.

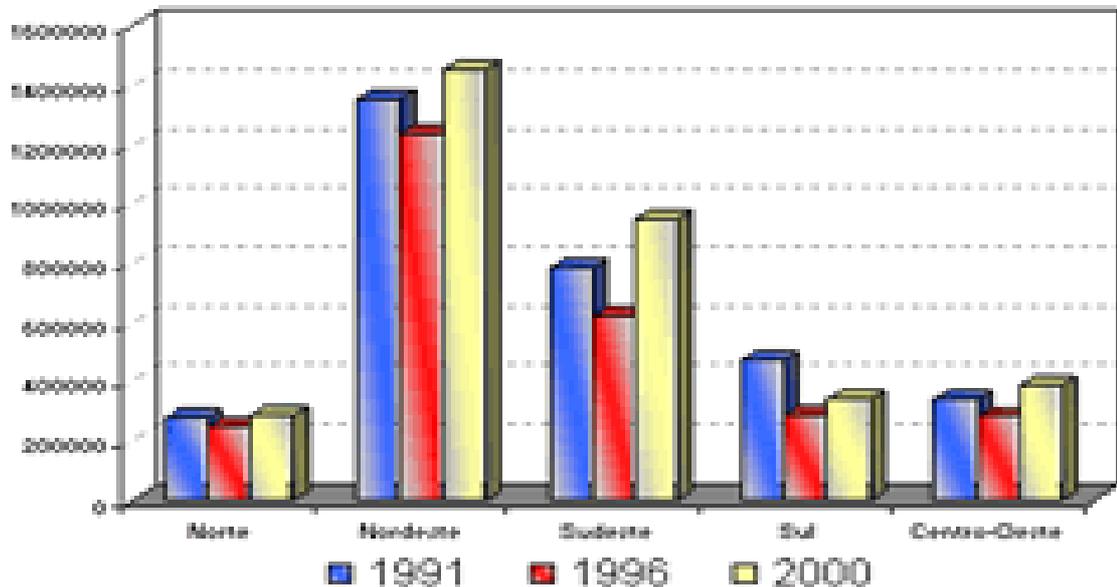
O gráfico a seguir ilustra o fluxo migratório dos índices encontrados pelo IBGE, considerando a região Nordeste campeã em migração, pois foram 1.457.360 saídas entre 1995 e 2000 - um aumento de 7,6% em relação ao período de 1986-1991. O principal destino dos migrantes é a região Sudeste, que recebe 70,9% dos migrantes nordestinos.

**Volume de entradas nas Grandes Regiões
1986/1991, 1991/1996 e 1996/2000**



Fonte: Contagem da População 1996; Censo Demográfico 1991; Tabulação Avançada do Censo Demográfico 2000: Resultados Preliminares da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2002

**Volume de saídas nas Grandes Regiões:
1996/1991, 1991/1996 e 1996/2000**



Fonte: Contagem da População 1996; Censo Demográfico 1991; Tabulação Avançada do Censo Demográfico 2000: Resultados Preliminares da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2002

Com a melhoria estrutural de outras regiões do Brasil, em meados da década de 1990, os nordestinos reduziram as saídas para o Sudeste com o surgimento de outros trajetos migratórios em direção à região do Distrito Federal e também para o Estado do Amazonas.

O estereótipo do nordestino migrante, o qual não se resume à identidade regional, é, contudo, um de seus elementos de identidade social, definidos pelas outras pessoas que convivem com ele. Pois, ser de um lugar específico não expressa necessariamente vínculos de propriedade, mas sim uma rede de relações por meio das quais o espaço se torna suporte de comunicação, de inter-relação e de organização de sentido (PENNA, 1994).

Este início do século XXI apresenta várias mudanças no processo de industrialização e tecnologias: o incentivo ao desenvolvimento da própria região Nordeste e, simultaneamente, as crises econômicas nacionais; cabe-nos, então, vários questionamentos: como se

movimentam os fluxos migratórios? Eles tendem a diminuir ou acabar? Os migrantes se fixariam definitivamente e deixariam de ser migrantes?

Outro aspecto importante na dinâmica da migração é a diversidade cultural, desde os hábitos do cotidiano até as representações simbólicas de cada região. Por exemplo, em São Paulo, o bairro do Brás, antigo reduto de italianos, é ocupado hoje, em sua maioria, por migrantes nordestinos; no município de Embu, os gaúchos realizam festas com acordeão e rabeça e, claro, churrasco, além do artesanato que expressam as características que envolvem a tradição popular.

Não podemos deixar de citar os sabores e paladares. Por causa da migração, é possível mesclar os sotaques e culinárias dos mais variados lugares na farta mesa brasileira, pois encontramos qualquer doce feito com a fruta mais exótica da Amazônia; um bom acarajé preparado por uma baiana autêntica; aquele doce de leite com queijo mineiro ou mesmo uma boa erva-mate para o preparo do chimarrão. É possível, também, comer desde leitão à pururuca, vaca atolada, galinha ao molho pardo, moquecas com jeitão capixaba, buchada de carneiro, costelinha de porco com canjiquinha e angu, sopa de goma de mandioca com camarão seco do Belém do Pará, até o arroz de cuxá do Maranhão.

Sendo assim, refletir acerca da migração é compreender um processo dinâmico de transformação, tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos que marcam a experiência social.

1.2 LUGARES DOS MIGRANTES: MARANHÃO E SÃO PAULO

Nesta parte, desejamos traçar algumas características do Maranhão – local de origem da pesquisadora e dos sujeitos entrevistados - procurando identificar os aspectos que impulsionaram a migração. Nesse sentido, apreender as razões sócio-históricas que contribuíram para os maranhenses permanecerem numa metrópole, devem ser investigados nesta pesquisa.

Em seguida, abordaremos São Paulo como a cidade de atração dos referidos migrantes, em busca de alcançar seus objetivos pessoais e na superação das dificuldades em um local, geograficamente, tão distante.

Segundo Verás (2000) o significado de cidade está mais diversificado, dividido, fragmentado, pois compreendê-la apenas através de uma imagem tecnológica – nas fotografias, filmes e vídeos captados – limita as histórias de quem convivem cotidianamente com seus espaços da cidade, considerando que o mundo globalizado não tem mais tempo de refletir sobre suas mudanças. A autora acrescenta que o espaço da memória da cidade muda de direcionamento e de suporte. Significa também, um momento representativo da história coletiva da cidade. Passando a ser uma marca afetiva e evocativa de momentos significativos na vida de seus habitantes. (VÉRAS, 2000)

As histórias contadas por Calvino (2003) percorrem uma infinidade de lugares, ao lermos as narrativas fantásticas contadas por Marco Polo a Kublai Khan será possível reconhecermos traços de cidades reais – como São Paulo e o Maranhão – naquelas cidades invisíveis?

1.2.1 Maranhão

A primeira capitania do Maranhão, criada em 1534 e dividida em duas partes, não chega a ser efetivamente ocupada. Até mesmo seus limites não são precisos até o século XVII. Sob o comando de La Ravardière e Mazilly, os franceses instalam uma colônia na região, em 1612, chamada França Equinocial, e fundam São Luís, que recebe este nome em homenagem ao rei francês Luís XIII. Em 1615, os portugueses, comandados por Jerônimo de Albuquerque, derrotam os franceses e iniciam a colonização. São Luís é invadida pelos holandeses em 1641, mas é recuperada por Portugal três anos depois. A partir daí, torna-se base de apoio à exploração da Amazônia e ao povoamento da Região Norte.

Hoje, o Maranhão é formado por 217 municípios, possuindo o segundo maior litoral do Brasil, com 640 km de praias belíssimas. O estado está situado numa área de transição entre as regiões Norte e Nordeste e ocupa uma área de 329.555 Km².

No século XVII, a base da economia do estado encontrava-se na produção do açúcar, cravo, canela e pimenta; no século XVIII, surgiram o arroz e o algodão, que vieram a se somar ao açúcar, constituindo-se estes três produtos a base da economia escravocrata do século XIX. Com a abolição da escravatura, a 13 de maio de 1888, o estado enfrentou um período de decadência econômica, do qual viria a se recuperar no final da primeira década do século XX, quando teve início o processo de industrialização, a partir da produção têxtil.

O estado do Maranhão recebeu duas importantes correntes migratórias ao longo do século XX. Nos primeiros anos chegaram sírio-libaneses, que se dedicaram inicialmente ao comércio modesto, passando em seguida a empreendimentos maiores e a dar origem a profissionais liberais e políticos. Entre as décadas de 40 e 60 chegou grande número de migrantes originários do estado do Ceará, em busca de melhores condições de vida na agricultura. Dedicaram-se principalmente à lavoura de arroz, o que fez crescer consideravelmente a produção do estado.

O Maranhão no contexto capitalista segundo Lima (2001, p. 60), “reproduz o mesmo modelo de desenvolvimento, cujas políticas são concentradoras de renda e incentivadoras da exclusão social”.

A trilha dos trezentos e noventa e quatro anos da cidade de São Luís é reflexo de sua história no Brasil, um atraso nesse sistema que perdura até os tempos atuais, pobreza e exclusão social, são exemplos vivenciados pela maioria da população. Muitos foram os elementos que contribuíram para esse fato ocorrer, os avanços na área de políticas públicas como saúde e educação quase não repercutem em quantidade e qualidade, principalmente quando visamos a questão da demanda, reforçada pelo fluxo imigratório do próprio interior do Estado e de outros Estados mais próximos.

A realidade dos idosos maranhenses não difere dos brasileiros, o número vem aumentando constantemente, mas as formas que esses idosos vivem são das mais variadas. Na cidade de São Luís, essa diversidade se constrói de poucos idosos que além de família, afetividade, ocupação de seu tempo livre com poucas opções de atividade de lazer, tem algum tipo de rendimento financeiro, possibilitando contrastar com muitos idosos que vivem à margem de qualquer cuidado necessário para uma vida digna.

Para ilustra esta realidade, segue o exemplo no grau de instrução, que nas Unidades da Federação do Nordeste e do Norte, onde a população rural tem mais expressão, a média de anos de estudo nas capitais é bastante superior. No estado do Maranhão, a escolaridade média dos idosos é bastante inferior à média encontrada para a capital, São Luís: 1,5 contra 4,7. (IBGE, 2000)

Mesmo com a melhora no rendimento dos idosos responsáveis pelo domicílio em nível nacional segundo os índices do IBGE, existem disparidades entre os 5.507 municípios brasileiros pesquisados pelo Censo 2000: enquanto Água Limpa (R\$3.305,00), em Goiás, e

Campos de Júlio (R\$3.058,00), no Mato Grosso, têm os maiores rendimentos médios, Serrano do Maranhão (R\$135,00) e Cantanhede (R\$139,00), ambos no Maranhão, têm os menores.

Os idosos que fazem parte desta realidade, não são priorizados nas políticas sociais para minorar a situação, isso quando raramente são lembrados, o que caracteriza a sociedade que caminha à margem de sua própria cidadania, tendo em vista a qualidade de vida para este contingente populacional cotidianamente crescente (MOREIRA, 1998).

1.2.2 São Paulo

Na região Sudeste do Brasil também predomina o elemento europeu - a iniciar por portugueses, acrescidos de imigrantes italianos, espanhóis e alemães nos séculos XIX e XX. Vale lembrar que os elementos africano e indígena se fizeram presentes, e no Estado de São Paulo o elemento asiático, composto sobretudo por japoneses e árabes, foi significativo.

São Paulo é um estado do Brasil localizado na Região Sudeste. Tem como limites: Minas Gerais (N e NE), Rio de Janeiro (NE), oceano Atlântico (L), Paraná (S) e Mato Grosso do Sul (O). Possui 645 municípios e ocupa uma área de 248.808,8 km². Possui a maior e mais diversificada população do Brasil. Em 2005 o estado chegou aos 40 milhões de habitantes. Sua capital é a cidade de São Paulo

Algumas características de sua origem registra-se com o nome São Vicente foi dado por Américo Vespúcio, em 22 de janeiro de 1502, em viagem que objetivava mapear o litoral do Brasil. Quando passou por nossa região, viu duas ilhas (onde hoje estão Santos e Guarujá)

e o estuário, que achou ser um rio. Era dia de São Vicente, assim tendo sido batizada a localidade.

A fundação de São Vicente no litoral paulista iniciou o processo de colonização do Brasil como política sistemática do governo português, motivada pela presença de estrangeiros que ameaçavam a posse da terra. Evidentemente, antes disso já havia ali um núcleo português, que, à semelhança de outros das regiões litorâneas, havia sido constituído por náufragos e datava, provavelmente, do início do século XVI. Foi, no entanto, durante a estada de Martim Afonso de Sousa que se fundou, em 20 de janeiro de 1532, a vila de São Vicente e com ela se instalou o primeiro marco efetivo da colonização brasileira.

O nome de São Vicente se estendeu à capitania hereditária doada ao mesmo Martim Afonso pelo Rei de Portugal. Assim o primeiro nome de São Paulo foi Capitania de São Vicente.

A despeito das inúmeras dificuldades para transpor a serra do Mar, os campos do planalto logo atraíram os povoadores, o que tornou São Paulo uma exceção no tipo de colonização dos portugueses dos primeiros tempos, que se fixavam sobretudo no litoral. Assim, em 1553, os jesuítas criaram a vila de Santo André. No ano seguinte, os padres da Companhia de Jesus fundaram em Piratininga um colégio para os índios, berço da vila de São Paulo.

A década de 1930 em São Paulo caracterizou-se, do ponto de vista econômico, pelos esforços de ajustamento às novas condições criadas pela crise mundial de 1929 e pela derrocada do café. Do ponto de vista político, o período foi marcado pela luta em prol da recuperação da hegemonia paulista na federação, atingida pela Aliança Liberal e afinal aniquilada pela revolução de 1930. Esta submeteu o estado à ação dos interventores federais,

que, de início, nem paulistas eram. Surgiram logo as reivindicações a favor de um governo paulista, mas na realidade o que se pretendia era a restauração dos grupos hegemônicos paulistas, cujos interesses, tanto econômicos quanto políticos, estavam sendo prejudicados pela nova situação, embora alguns interventores, como João Alberto Lins de Barros, tenham procurado conciliar a cafeicultura com a nova orientação do governo federal.

Nas décadas de 1960 e 1970 o governo estadual promove diversas obras que incentivam a economia do interior do Estado, esvaziado desde a quebra do café em 1930.

Este processo de recuperação econômica do interior intensifica-se a partir da década de 1980, quando inúmeros problemas urbanos, como violência, poluição e ocupação desordenada, afligem a Região Metropolitana de São Paulo. Entre 1980 e 2000 a grande maioria dos investimentos realizados no Estado é feito fora da Capital, que passa de uma metrópole industrial para um pólo de serviços e finanças.

A cidade apresenta fortes disparidades sócio-econômicas, típicas do Brasil: enquanto a parte da cidade mais próxima do centro é rica e desenvolvida, as áreas periféricas sofrem com falta de infra-estrutura, pobreza e habitações precárias. Devido à sua extensa área urbana, a cidade possui um caráter bastante heterogêneo, variando de regiões altamente adensadas e verticais a bairros residenciais horizontais e de baixíssima densidade. Isto faz com que muitos habitantes da cidade praticamente desconheçam regiões do município além dos seus locais de residência ou de trabalho. A cidade também apresenta uma cultura bastante heterogênea, resultado da diversidade de extratos sociais (econômicos e culturais) nela presente. É importante observar que apesar de suas dimensões colossais, São Paulo sofre com a má distribuição de renda característica do país. Aspectos como cultura e tecnologia não podem se antecipar a problemas como fome, emprego e violência.

O Estado de São Paulo transformou-se num dos mais importantes pólos de atração de fluxos migratórios em virtude do rápido desenvolvimento econômico da região, proporcionando assim oportunidades de emprego e alimentando o sonho de uma gente que aspira uma vida melhor na convivência com o espaço paulista, a maior metrópole do país.

Segundo os registros estatísticos do IBGE, realizados em 1959, o processo migratório dos nordestinos para São Paulo iniciou em 1901. Constatou-se, que naquele primeiro ano, o registro de entrada de nacionais no Estado de São Paulo de 1.434 pessoas; no mesmo período, o número de estrangeiros aportados em São Paulo foi de 70.348 migrantes.

Foi em 1923 que teve início a intensificação do fluxo de nordestinos, mineiros e fluminenses para São Paulo, mas as pesquisas não destacam a presença de maranhenses no relatório (ENCICLOPÉDIA LIVRE, 2000).

Recentemente, segundo pesquisa realizada pela Fundação Seade (2000), o Estado de São Paulo contava com uma população de 37 milhões de habitantes, sendo que 75,2% correspondiam a pessoas nascidas no próprio Estado e 24,8% (9,1 milhões) a pessoas nascidas em outros Estados brasileiros e outros países (Folha de São Paulo On-line, 2006).

Conforme a mesma pesquisa, entre os migrantes, sobressaíram-se os solteiros, entre eles 67,4% do sexo masculino e 30,6% do sexo feminino. Quanto ao perfil etário, cerca de 78% tinham entre 15 e 59 anos, o que demonstra a relação entre a busca de melhores oportunidades econômicas e os deslocamentos populacionais.

A cidade de São Paulo recebeu quase 410 mil migrantes, praticamente 57% do total de pessoas que chegaram à região metropolitana de São Paulo, destacando-se os fluxos com origem do Nordeste (73,1%) e, em seguida, pessoas nascidas no Sudeste e Sul do país. Dos

que se dirigiram para a referida cidade, destacaram-se os provenientes da Bahia (30%), Pernambuco (13,1%) e Minas Gerais (9,6 %).

Do Nordeste, a cidade atrai principalmente baianos, pernambucanos, cearenses e paraibanos, os maranhenses somam em menor número. Segundo dados do IBGE (2002), no estado de São Paulo residem 109.763 maranhenses, dez vezes menos que os naturais de Pernambuco (que somam 1.221.076 pessoas). De acordo com a socióloga Lúcia Bógus, “A imagem da cidade como área metropolitana dinâmica e geradora de empregos continua a atrair muita gente em busca da realização de seus sonhos, o que nem sempre acontece” (2006, p. 01).

No caso específico da cidade de São Paulo podemos refletir tal questão a partir das considerações da pesquisadora Baeninger que afirma:

Considerando-se a “*eficiência*” do Estado de São Paulo na retenção da migração, observa-se que, nos anos 70, este figurava no contexto interestadual como área de média absorção migratória (IEM de 0,43), com um ganho líquido populacional de quase 2 milhões de pessoas. Já no período de 1981-1991, passava para área de baixa absorção migratória (IEM de 0,28), descrevendo seu saldo migratório para 1,2 milhão de pessoas. No período de 1990-2000, manteve essa baixa capacidade de retenção da migração, com o mesmo IEM (0,29) registrado na década anterior, porém com um saldo migratório mais elevado de 1,5 milhões de pessoas. Destaca-se que, com relação aos anos 70, mesmo com volumes de migração semelhantes, os anos 90 registraram menor capacidade de retenção da população no Estado. (BAENINGER, 2005, p. 86).

1.2.3 Raízes do Maranhão em Sampa

E foste um difícil começo
afasto o que não conheço
e quem vende outro sonho feliz de cidade
aprende de pressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
da força da grana que ergue e destrói coisas belas
da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva (...)
e os novos baianos passeiam na tua garoa
e novos baianos te podem curtir numa boa.

(Caetano Veloso, 1978)

Apesar do autor da citada música ser natural do estado da Bahia, os versos da canção expressam os sentimentos de um migrante nordestino, no mesmo período que os sujeitos desta pesquisa chegaram em São Paulo. As diferenças culturais e as descobertas de conviver na metrópole são aspectos vividos no processo de envelhecer dos maranhenses que criaram espaços e manifestações culturais para minimizar a distância e a saudade do lugar de origem.

- Centro de Tradições Nordestinas - CTN

O Centro de Tradições Nordestinas foi criado com o objetivo de dar atendimento especial à população Nordestina de São Paulo. A entidade de caráter social, recreativo e artístico cultural, está localizada no bairro do Limão, possui uma área de 27 mil m² onde estão instalados 32 quiosques com barzinhos servindo comida Típica do Nordeste, além de um enorme palco com pista de dança e espaço para exposições e mostras de artesanatos e arte no geral, e estacionamento para 900 carros além do fácil acesso pela Marginal Tietê e por transportes públicos.

Fundado em 1992, focado no público nordestino e sua Cultura, o CTN tem efetivado diversos projetos e ações sociais ao longo destes anos. Uma agência de fomento para os Estados do Norte e Nordeste, na Capital Paulista

- Restaurante Maranhense: Raízes do Maranhão

Inaugurado em 1999, o Raízes do Maranhão oferece pratos típicos apenas no jantar às quintas, sextas e sábados. Hoje com 50 anos, o proprietário João Câmara, que veio para São Paulo com 17 anos, tinha o sonho de abrir uma casa que resgatasse a essência de seu povo. O ambiente, bastante simples, é decorado com artigos de palha, quadros com paisagens de São Luís e de Alcântara, além de pinturas e bonecos bumba-meu-boi.

O Maranhão também tem seu lugar na zona Sul da cidade de São Paulo. É possível se deliciar com os pratos típicos no restaurante Raízes do Maranhão. Galinha de parida, peixada maranhense, caldinho de sururu ou sarnambi (feito com mariscos), arroz de cuxá (feito com vinagreira, uma verdura azedinha e camarão), sem falar no famoso guaraná Jesus, um refrigerante cor-de-rosa, sabor tuti-fruti ou a sobremesa de creme de bacuri.

Segundo os funcionários do restaurante, é preciso ter sorte para encontrar a bebida, pois assim que chega o refrigerante já acaba. E seu sabor é realmente uma delícia. Outra bebida típica é a tiquira, feita com pinga retirada da mandioca.

- Manifestações Culturais: Grupo Cupuaçu e Festa do Divino Espírito Santo

O Grupo Cupuaçu - Centro de Pesquisa de Danças Brasileiras - existe desde 1986, criado sob a batuta de Tião Carvalho. Tião chegou em São Paulo em 1980, oriundo da cidade de Cururupu (MA). Desde cedo viveu as tradições artísticas maranhenses, aprendizado que ainda o acompanha e que resultou, dentre outros trabalhos, no Cupuaçu.

O Grupo foi formado por alunos das oficinas de danças brasileiras de Tião, que se juntaram sob a proposta da formação de um grupo permanente de estudos em danças populares. Formado por paulistas, maranhenses e mineiros, trabalha primordialmente o

Bumba-meu-Boi maranhense. O Cupuaçu tem sua sede no Morro do Querosene, em São Paulo. A comunidade do Morro acolhe migrantes maranhenses, acompanhados de sua imensa riqueza artístico-cultural.

É lá que acontecem as três "Festas do Boi" anuais: a ressurreição do Boi, no sábado de Aleluia, o batizado, em junho, e a morte do Boi, na primavera. As festas são realizadas pelo Grupo e pela comunidade, desde a produção até a brincadeira central. É incontável o número de pessoas que comparecem às festas para brincar com o Boi Brilho da Noite, vindas até de outros estados. O brilho das vestimentas, a riqueza rítmica, a dança bem executada, os personagens, o tambor-de-crioula garantem a alegria de quem vai ao "pedacinho de Maranhão em São Paulo". As festas acontecem há mais de dez anos, e surgiram de ensaios do Grupo.

Além das festas, o Cupuaçu realiza apresentações e oficinas. Possui, ainda, um trabalho educacional em uma escola pública. Em 1999, o primeiro CD do Grupo foi lançado, *Toadas de Bumba-meu-Boi*. Com toadas interpretadas, em sua maioria, por Tião Carvalho, o trabalho deixa nítido que o Grupo consegue trabalhar, dinamicamente e com qualidade, uma das mais ricas manifestações maranhenses

1.3 ENVELHECIMENTO E SUAS DIMENSÕES

O processo de envelhecimento é compreendido a partir das mudanças vivenciadas em cada etapa da vida. Os principais aspectos que influenciam essas mudanças são os biológicos, psicológicos e sociais, no ritmo do contexto cultural de cada sociedade. “O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível, que se inscreve no tempo”. (MESSY, 1999, p. 17)

A experiência da temporalidade se relaciona com as vivências pessoais, ou seja, com a maneira como observamos e sentimos. Assim, o envelhecimento se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida, através de um processo de perdas e aquisições.

A idéia de ciclo de vida é transformada na modernidade, uma vez que as conexões entre as pessoas e a troca de gerações interligam-se pela memória e pelas perspectivas que se interpõem. Como afirma Debert:

O curso da vida transforma-se em um espaço de experiência aberta e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo, como uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas faces de crise (DEBERT, 1999, p. 53).

É importante lembrar que em algumas sociedades e culturas, os rituais fazem parte da vida de cada sujeito, compondo sua história e sua experiência. O velho era a figura que detinha a tradição e a transmitia no sentido de conservar sua própria história enquanto ser coletivo.

Entretanto, com as transformações da contemporaneidade, percebemos o homem perdendo o sentido dos rituais e tradições.

Assim, os valores tradicionais vão se perdendo em favor de uma sociedade individualista onde o velho, por não ser reprodutor de uma vida e nem

produtor de riqueza, nada vale; o valor social da velhice passa então a ser associado à inutilidade e decrepitudes (GOLDFARB, 1998, p. 25).

Cabe ao sujeito que envelhece reinventar-se diante das perspectivas que normalmente se diminuem pelo social, mas que possibilitam novos espaços a serem ocupados.

Loureiro (1999) parte do pressuposto de que a velhice é apenas mais uma etapa da vida que, como as demais, precisa e deve ser vivida. Abordando a questão dessa forma, questiona-se quando realmente começamos esse período existencial. O autor responde a partir de outros estudiosos:

Aristóteles marca o início do processo de envelhecimento do homem a partir dos cinquenta anos, e Galien caracteriza o envelhecimento como diminuição da umidade e do suor, dizendo ser a velhice um mal inevitável e incurável [...] Há os que consideram o início do envelhecimento logo após a fecundação, enquanto outros arbitram os 65 anos como o marco inicial da senectude, ou ainda, a faixa etária por volta dos sessenta anos como a possível faixa do ingresso do ser humano na velhice (LOUREIRO, 1999, p. 79).

A despeito das diferentes demarcações citadas acima, Beauvoir analisa esse processo como diversificado e de grande importância cultural:

A velhice é aquilo que acontece às pessoas que se tornam velhas: é impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito ou numa noção (...) a maior dificuldade provém da interferência, já assinalada, de fatores que definem a condição do velho: o verdadeiro sentido de cada um deles só pode ser encontrado em seu relacionamento com os outros. É arbitrário qualquer tentativa de estudo isolado (BEAUVOIR, 1970, p. 5-6).

As pesquisas que buscam fragmentar a vida em períodos, utilizando o critério cronológico, por exemplo, construindo modelos e padrões de velhice, não alcançam as diferentes possibilidades de apreender o tempo. Perceber o homem e suas interpretações faz parte de uma realidade que não podemos ou não devemos evitar.

O fato de envelhecer amplia-se ao levarmos em consideração, também, o tempo subjetivo. Segundo o professor Joel Martins, “o tempo não é uma dimensão cronológica

medido em dias, meses e anos, mas um horizonte de possibilidades do ser. O homem não está no tempo, é o tempo que está no homem”. (1998, p. 22)

Nem sempre as características atribuídas a esta etapa da vida têm a ver apenas com a velhice. Por exemplo, doenças, esquecimentos, ritmos mais lentos para as atividades e a morte, existem em qualquer outra fase do ciclo existencial humano. No caso do envelhecimento, são criadas crenças e construídos mitos, como “não tem jeito, não! Isto é coisa de velho”, comumente destinado para aquelas pessoas que já viveram um pouco mais de anos.

Esta e várias outras situações são recheadas de depreciação e preconceito a respeito do que é ser idoso, principalmente quando são denominados *velhos*, pois essa palavra passou a ser empregada apenas com cunho negativo. O processo de envelhecimento é também uma construção social e como tal, deve ser visto em conformidade com o contexto que o engloba e por meio do qual é interpretado e simbolizado.

Os aspectos principais da identidade social, refletindo pelo viés da antropologia, residem na construção cultural de cada sociedade. Na pesquisa de Mercadante (1997), as relações de contrastividade retratam o significado do “eu” em detrimento do que vejo no “outro”, considerando a realidade do idoso. Segundo ela,

As qualidades atribuídas aos velhos, que vão definir o seu perfil identitário, são estigmatizadoras e são uma produção ideológica da sociedade. Os velhos conhecem e também partilham dessa ideologia que, entretanto, define o velho em geral, mas não em particular. Assim sendo, pessoalmente não se sentem incluídos no grande modelo ideológico. O velho partilha da ideologia e revela o fato lógico de que algum grupo de indivíduos preencha os requisitos necessários para serem classificados como velhos. Dessa forma, se o “velho” não sou “eu”, o velho é o “outro”. As diferenças, as qualidades pessoais são então levantadas e apresentadas para definir uma identidade pessoal que se contrapõe à categoria genérica de velho (MERCADANTE, 1997, p. 27).

Segundo a mesma autora, outro fator de suma importância nas relações sociais é a singularidade que nos diferencia não apenas por idade: temos individualidades inerentes a

cada um de nós, mesmo na fase da velhice. Mas precisamos evitar interpretações equivocadas ou incompletas a respeito da identidade do idoso. Novos idosos evidenciam novas subjetividades.

A noção de subjetividade apóia-se nas idéias de invenção, de produção de novas situações de vida pelo desempenho tanto individual quanto grupal dos sujeitos em suas decisões cotidianas. Na perspectiva da subjetividade, os indivíduos destacam-se como inventores da vida social. Assim sendo, a noção de subjetividade, tendo como seu principal aliado o desejo, estabelece, para os sujeitos, o reconhecimento e a criação de novas modalidades, de formas alternativas de vida – individual e grupal – que certamente irão se contrapor aos códigos estabelecidos de orientações mais tradicionais, às classificações identitárias (MERCADANTE, 1997, p. 191).

A nova realidade do processo de envelhecimento atinge a sociedade como um todo. Observando todo o processo e as mudanças ocorridas mesmo antes de o indivíduo completar 60 anos, constatamos não ocorrer um modelo único para o envelhecer, nem regras pré-estabelecidas de relacionamento com a família, comunidade e sociedade.

Os seres humanos se comportam em relação a outros tecendo uma complexa rede de relações sociais nas quais podem existir conflitos ou hostilidade em alguns domínios, mas, principalmente, deve haver princípios de comunidade e cooperação. Se não fosse desse modo, não haveria possibilidade de existir sistema social. Assim, a sociedade corresponde também a princípios de semelhança e diferença, que podem ser entendidos como opostos lógicos, mas que se encontram ligados entre si. Logo, compreender semelhança depende da compreensão de sua relação com a diferença.

A sociedade, com sua cultura de exclusão e afastamento, assina em silêncio a sentença de morte de determinados indivíduos ou segmentos, quando minimiza as suas chances de relacionamento com seu ambiente e com outras pessoas. Deixar à parte esse outro que ninguém quer como espelho, talvez seja uma maneira de evitar o anúncio do próprio futuro que cada um poderá vir a ter.

É inevitável o encontro dessas imagens que são evitadas, dos “não-velhos” e dos velhos que se cruzam e, através de seus olhares, ou seja, da observação que um tem do outro, resulta o processo de identificação da própria imagem. “É o olhar do outro que aponta nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro, e tratamos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós”. (GOLDFARB, 1998, p. 51).

Podemos dizer que a relação humana está baseada em significações que surgem a partir da experiência de cada um, que busca nos laços de relação social formas diferenciadas para se realizarem como indivíduos, visando constituir o próprio mundo. Um mundo que pareça familiar à vida de cada um.

1.3.1 VELHOS MIGRANTES: DUPLA EXCLUSÃO?

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo em todos os países do mundo. No caso brasileiro, este fato pode ser exemplificado por um aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional: de 4,2% em 1950 para 8,6%, segundo o IBGE (2000).

O censo demográfico encontrou aproximadamente 14 milhões de idosos residentes no país. Esse percentual demonstrou expressivos incrementos ao longo do século passado e estima-se que essa tendência perdure pelo século XXI. Projeta-se para 2020 uma participação da população idosa no total da população brasileira, em torno de 14% (BELTRÃO; CAMARANO, 2004)

Atualmente, a população idosa no Brasil é o grupo que apresenta as taxas mais elevadas de crescimento. Este fenômeno é resultado da alta taxa de natalidade prevalecente no

passado em comparação à atual, e à redução da mortalidade em pessoas de idade avançada. Esses fatores traduzem-se em aumento no número absoluto e relativo de idosos e no tempo vivido por eles, no envelhecimento de certos segmentos populacionais, como a população economicamente ativa; no envelhecimento das famílias (crescimento do número de famílias nas quais existe pelo menos um idoso) e em mudanças nos arranjos familiares.

Medeiros e Castro (2004), no artigo *A existência do velho na cidade de São Paulo*, verificam, na pesquisa realizada, que a população idosa da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) está crescendo num ritmo mais acelerado que a população total, como consequência da diminuição das taxas de natalidade e do aumento substancial da esperança de vida, o que vem caracterizando a evolução etária dessa população.

Segundo o censo de 2000, a RMSP tinha 1.446.662 idosos. Desse total, 67% estavam na capital paulista. Outro fato importante refere-se ao crescimento de maneira acentuada da população com 60 anos ou mais no total da população. Entre 1980 e 1991, a taxa média de crescimento da população foi de 2,3% ao ano, enquanto que a mesma taxa para os idosos foi de 3,8%. Na década de 1990, a população da RMSP cresceu numa média de 1,2% ao ano e os números de idosos, 3,2%. Isto é, os velhos tiveram um aumento 2,7 vezes maior do que o índice da população geral.

Considerando a distribuição espacial dos idosos na cidade de São Paulo, Medeiros e Castro afirmam:

O envelhecimento da população da RMSP ocorre de forma desigual pelas diferentes localidades da metrópole. Verificamos que, nas áreas onde o perfil socioeconômico da população é mais elevado, a presença dos idosos é mais marcante do que nas regiões mais pobres: nestas há mesmo casos em que esse número é bastante reduzido. (MEDEIROS; CASTRO, 2004, p. 47)

As referidas autoras também evidenciaram uma comparação da situação de migração entre idosos e não idosos da RMSP. Através dela, percebemos que o contingente de idosos migrantes – 77, 36% – é muito maior que o de não idosos migrantes – 44, 77%. As mesmas

pesquisadoras apontaram duas hipóteses para explicar os dados coletados. A primeira é que esse grande contingente de idosos migrantes reflete o peso substancial da migração em décadas passadas, na constituição da RMSP. Uma segunda é que, embora o percentual de migrantes na população continue expressivo, a redução no fluxo para essa região, no período recente, e o próprio crescimento vegetativo da população residente deverá reduzir o percentual de migrantes na população idosa da RMSP.

A situação do migrante, por si, carrega – na maior parte das vezes – características de diferenças culturais que convidam à exclusão. Neste caso, o estudo aqui proposto pergunta se *velho* e *migrante* podem se tornar categorias duplamente discriminatórias.

A cultura ocidental deprecia e rejeita aquele que perde a capacidade de reproduzir-se e de gerar riquezas; em contrapartida, valoriza e privilegia aquele que ainda possui tais capacidades.

Analisando a tese de doutorado de Mercadante (1997), sobre a identidade e a subjetividade do idoso, novos questionamentos surgiram: identidade de velho e identidade nordestina se confrontam? Uma supera a outra? O sujeito sofre por que é velho ou por que é maranhense? A identidade construída e/ou outorgada é boa ou ruim? A resposta a estes questionamentos pode revelar os novos sujeitos que, além de maranhenses, são velhos.

Rejeitar a velhice pode, neste caso, sinalizar um esforço das pessoas em geral para tentarem não se enquadrar nessa categoria e, conseqüentemente, sofrer com os estigmas referentes àqueles que já viveram 60 anos ou mais.

Refletir sobre quais são as saídas para o velho migrante que permanece em São Paulo e ainda é considerado um estranho, um estrangeiro, torna-se um desafio para o poder público, representado pelos governos federal, estaduais e municipais, bem como para toda a sociedade.

Neste capítulo, serão apresentados os percursos trilhados para o desenvolvimento da pesquisa, com a finalidade de compreender o processo de construção dos eixos norteadores e os objetivos deste estudo.

Conforme aponta Oliveira:

Qual o sentido que se pode emprestar à noção de método? (...) Método indica, portanto, estrada, via de acesso e, simultaneamente, rumo, discernimento de direção. Concluindo com as palavras de Marilena Chauí, *methodos* significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado (OLIVEIRA, 2001, p. 17).

A abordagem qualitativa foi o método escolhido para a realização do presente estudo. Aprender os acontecimentos em seus próprios contextos são características das ciências sociais, ou seja, como no caso desta pesquisa, é necessário identificar as singularidades do processo de envelhecer vivenciado pelo migrante, sem fragmentá-lo de sua própria história.

Segundo Weber, citado por Geertz (1978), cada pessoa expressa o tempo e o espaço nos quais está inserida, ordena o mundo que a rodeia e atribui significados para as relações sociais construídas dentro de uma determinada ordem cultural. Ou seja, adquire ou perde significados quando inserida em determinados contextos.

No caso do migrante velho, devemos atentar para o lugar em que fixou residência, bem como às mudanças ocorridas nos aspectos referentes à família, às redes sociais, ao trabalho e à aposentadoria.

Na interação entre o pesquisador e o sujeito, o primeiro não está limitado a ser mero espectador e relator passivo, ou seja, os dois estão interligados pela pesquisa. A finalidade das questões que embasam as práticas e os costumes, ao lado de um olhar atento sobre o sujeito pesquisado, auxiliam na análise e na interpretação dos dados coletados.

Durante as entrevistas com os sujeitos, foram utilizados: um roteiro de perguntas (Anexo 3), um diário de campo que permitiu registrar informações obtidas no decorrer dos

contatos, levando em conta a observação do pesquisador, e uma ficha de identificação (Anexo 1).

Analisar o processo de investigação, segundo Minayo, “torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais” (2000, p. 109). De acordo com a autora:

A entrevista semi directiva ou semi dirigida (...). Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não localizará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, `deixará andar` o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível (MINAYO, 2000, p. 192).

A escolha dos participantes desta pesquisa foi feita através de um permanente contato com as pessoas que continuam morando nas suas cidades de origem, neste caso, maranhenses, mas que mantêm diálogo com os que se mudaram para São Paulo. Por meio das redes sociais existentes, a pesquisadora buscou encontrar os interessados em participar deste trabalho. Logo se formou uma rede de contatos pela qual o primeiro indicou um segundo, e assim sucessivamente.

A opção por refletir e analisar a experiência vivenciada por sujeitos “conhecidos” encontra-se plenamente justificada por Queiroz:

A qualidade do material obtido depende da qualidade do informante escolhido, em função do que se pretende desvendar. Esta circunstância postula a existência de um conhecimento prévio do informante, por parte do pesquisador, quanto mais conhecido aquele, mais seguro estará o pesquisador de que obterá um relato interessante e apropriado ao que se está buscando (...) (1991, p. 75).

Foram entrevistadas quatro pessoas, três homens e uma mulher, com idades entre 62 e 70 anos. Todos moram em São Paulo há mais de duas décadas. O estado civil de todos é casado e com filhos, havendo apenas um viúvo. Quanto à condição socioeconômica, situam-se entre a classe média e baixa. No que se refere à escolaridade, os sujeitos encontram-se distribuídos entre o ensino fundamental incompleto e superior completo.

No início das entrevistas, todos apresentaram interesse em participar, apenas um deles acreditava que poderia não ter conteúdo para contribuir com a pesquisa, mas no desenvolvimento da mesma, participou ativamente, contrariando suas previsões.

Com o consentimento dos entrevistados, os depoimentos foram gravados para posterior transcrição e análise, como consta no termo de consentimento livre e esclarecimento (Anexo 2).

Considerando o tamanho da cidade de São Paulo, apresentamos preferência por conhecer quase todos de uma mesma região da cidade. Na zona Leste, concentra-se um número significativo de migrantes nordestinos.

Pasternak e Bógus analisam o perfil do fluxo migratório na metrópole paulistana, apontando uma tendência periférica na espacialização destes moradores.

A localização espacial desses migrantes no Município de São Paulo difere por anéis com características distintas em relação à sua configuração histórica, aos equipamentos sociais e às condições de infra-estrutura, aloja grupos sociais que incluem migrantes com perfis distintos (...). A distribuição espacial dos migrantes recentes (2000) nas diferentes áreas da cidade mostra que o número de migrantes é bastante expressivo no anel periférico, no qual o volume populacional também é elevado (...). A hipótese que se coloca é a de que os migrantes alocam-se no tecido urbano inicialmente nas áreas centrais, em cortiços, pensões e hotéis populares; alguns deles, após algum tempo de residência, compram terrenos ou casas na periferia, muitas vezes em invasões. (PASTERNAK; BÓGUS, 2005, p. 34).

Na etapa de interpretação dos dados, procurou-se captar os significados que os migrantes maranhenses atribuíram ao envelhecimento. Por meio de seus depoimentos e dos

relatos das trajetórias percorridas, pesquisado e pesquisador procuraram captar os sentidos presentes.

Vale ressaltar que organizamos todas as entrevistas em um único texto, construindo as análises realizadas com subdivisões em itens, que articulam as categorias construídas para apreender as singularidades vividas em cada trajetória percorrida, fundamentados nos aspectos metodológicos adotados.

Os estudos e análises de livros, revistas, jornais e entrevistas sobre a migração interna no Brasil, principalmente na segunda metade do século XX, foi o material selecionado que, enfocando direta ou indiretamente o processo de envelhecer, permitiu ampliar esta análise.

O migrante que fixou residência na cidade de destino, neste caso uma metrópole como São Paulo, apresenta características peculiares. No entanto, a metodologia qualitativa permite que se utilizem as reflexões produzidas neste estudo, no sentido de iluminar realidades semelhantes.

A seguir, relatarei parte das entrevistas, já selecionando o material pertinente ao estudo. Os nomes foram propositalmente alterados, visando preservar a identidade dos depoentes.

Os depoimentos realizados, como já esclarecemos anteriormente, procuraram evidenciar aspectos relacionados a questões essenciais desta pesquisa: o processo de envelhecimento do migrante maranhense que reside em São Paulo.

Apresentando velhos migrantes maranhenses:

RAIMUNDO: Com 63 anos, mora em São Paulo há 23 anos, natural de Tuntum-MA. Está casado com uma piauiense, tem quatro filhos, dois homens e duas mulheres, e um deles mora atualmente no Japão. Os netos também são quatro, um de cada filho. Retornou apenas uma vez para o Maranhão, a passeio; sua esposa foi mais vezes para lá.

SEBASTIÃO: Morou toda sua infância e adolescência na cidade de Pirapema-MA, depois veio para São Paulo, em 1977. Atualmente, está no segundo casamento, ambas as esposas também são do Maranhão; a primeira esposa não se adaptou por aqui, passou dois anos e retornou. Tem quatro filhos com paternidade declarada por ele, ou seja, registrados com o seu nome, mas afirma – sorridente – que depois dos 60 anos, apareceram mais filhos. Os netos moram no Maranhão, um menino e uma menina. Faz mais de doze anos que não visita o Maranhão, foi lá somente uma vez depois que se mudou para São Paulo, mas pretende voltar algum dia.

RIBAMAR: Nasceu em um povoado chamado “Deus Quer”, no município de Bacabal-MA, mas considera sua cidade de coração Santa Inês-MA, seus familiares residem lá, onde também moraram seus pais, que já faleceram. Tem 70 anos de idade e veio para São Paulo em 1971, acompanhar a esposa cearense e os pais dela que estavam voltando a morar nesta cidade. Tem um filho e, atualmente, recebe o Benefício da Prestação Continuada (BPC), como aposentadoria. Morou quase dois anos no Maranhão, em 1982, e veio novamente para São Paulo, permanecendo até atualmente.

CONCEIÇÃO: Com 64 anos de idade, viúva de um maranhense, mora com os dois filhos e uma jovem que ela cria como adotiva. Nasceu no interior do Maranhão – litoral ocidental maranhense, numa praia chamada Retiro – na comarca de Cururupu-MA. Cursou a Faculdade de Administração, em São Luís-MA, e passou alguns anos lá antes de viajar para São Paulo. Ela nos relata: *“Vou sempre em São Luís visitar minha mãe, principalmente por causa da saúde dela que está muito fragilizada, agora, não posso passar muito tempo sem ir vê-la, mas para morar não quero mais, não”*.

Contatos e Aproximações com os Velhos Migrantes Maranhenses:

O primeiro entrevistado, Raimundo, mostrou-se interessado na pesquisa desde o momento que realizamos o convite por telefone. Nos encontramos duas vezes antes de gravar o depoimento; no decorrer do relato, contou sua trajetória com firmeza e muita tranquilidade, revelando os momentos mais significativos de sua vida. Observei que evitava falar nas dificuldades enfrentadas, que, segundo ele, foram muitas.

O segundo entrevistado, Sebastião, demonstrou receio em não ter o que falar para uma pesquisa de universidade, supôs que deveria ser apenas coisas importantes, que ele não sabia. Depois, percebeu que o assunto era sobre a vida dele e interagiu de modo mais intenso, falando de suas lembranças, algumas vezes ficou muito emocionado com as recordações da infância e quando falou de um conflito que tem com uma das filhas.

O terceiro entrevistado, Ribamar, aceitou participar da pesquisa prontamente, e afirmou ficar lisonjeado por lembramos dele como depoente. Falou com muita espontaneidade e entusiasmo, mesmo afirmando categoricamente que não gosta de morar em São Paulo.

A última entrevistada, Conceição, assim como os demais sujeitos da pesquisa, também nos recebeu em sua residência e questionou sobre minhas referências do Maranhão. Ela mora em apartamento e estava acompanhada de um cachorro e um papagaio, que carinhosamente nos apresentou como seus bichos de estimação. Antes de começar o depoimento, me serviu um cafezinho. Em todos os momentos – antes, durante e depois da entrevista – observei que fala muito rápido, e as respostas foram objetivas, configurando a praticidade e dinamismo das metrópoles, ela se identifica com o modo de vida e adora o ritmo frenético de São Paulo.

No próximo passo, procuramos trazer os significados de envelhecer para os migrantes, relacionando os depoimentos às reflexões teóricas dos capítulos anteriores. No processo de análise, destacamos algumas categorias que se evidenciam nas trajetórias percorridas pelos sujeitos.

3.1 A Partida

Os motivos que levaram esses migrantes a deixarem o Maranhão e partir para a cidade de São Paulo configuram o movimento das migrações internas no país. Ou seja, a redistribuição da população das áreas rurais para as cidades e entre as diferentes regiões do Brasil, principalmente para as regiões metropolitanas (BAENINGER, 1999).

No entanto, não houve consenso sobre os motivos de saída do local de origem entre os entrevistados; a diversidade de razões que impulsionou as viagens está presente nos relatos. Segundo Raimundo, veio por falta de atendimento médico especializado para uma de suas filhas, que naquela época só tinha em São Paulo, no Hospital das Clínicas. Ele relata:

É que precisava da presença do pai. Minha mulher me escreveu. Tá bom. Ajeitei lá e me mandei para cá. Chegando aqui, fizeram uma reunião para ver se eu tinha condições de sobreviver aqui em São Paulo(...) Eu falei para eles, pela saúde da minha filha, podem ficar despreocupados que eu dou conta. (Raimundo)

A oportunidade de conseguir um bom trabalho foi o que motivou dois entrevistados, já que as condições econômicas deles eram muito restritas na cidade natal, algo que é apavorante não somente para o migrante, mas para as pessoas que dependem deles. Assim, Sebastião e Conceição nos dizem:

O motivo é que nosso Maranhão não é bom em umas partes, principalmente no interior, a pessoa quer comprar uma coisa, não tem condição. A pessoa adoce, morre à toa, porque não tem médico, não tem nada. Nosso Maranhão! Você mora lá na roça, vende as coisas tudo baratinho, chega no final do ano, vai ver, não tem mais nada. Então a pessoa tem que sair fora. (Sebastião)

Cheguei dia 11/07/73. E nessa mesma semana, chegou domingo, comprei o (jornal) Estadão, aí fui atrás de um emprego. Daí fui lá na Coca-Cola, em Santo Amaro, fiz o teste e passei. Era longe. Aí eu não queria ir para lá e mandaram uma pessoa lá em casa, porque eles queriam que eu fosse trabalhar lá. Fiquei dez anos lá. Sai por causa da minha filha que ficava com babá, e eu preferi parar um pouco. (Conceição)

No depoimento, Ribamar relatou que nunca pensou morar em São Paulo, veio para acompanhar a família, no caso, a esposa e os pais dela.

Eu não decidi, eu vim para cá por acaso. Por causa dela. Os pais dela moravam tudo aqui. Eu estava morando em Teresina. Casamos, e daí viemos para São Paulo. Eu, ela, pai, mãe, irmão, prima (...) Sinceramente, eu nunca pensei na minha vida em vir morar em São Paulo. Nossa família é o seguinte, tem que honrar o casamento. Sem separar. (Ribamar)

Os motivos constatados nas migrações dos entrevistados apontam o trabalho como o principal fator de deslocamento. Ou seja, essas pessoas procuram melhores condições econômicas e laborativas. Os protagonistas desse processo foram jovens com pleno potencial produtivo (sobretudo homens de 15 a 29 anos de idade). A falta da disponibilidade de serviços públicos e políticas sociais também constituiu fatores potencializadores da saída do Maranhão.

3.1.1 Paradas Antes de São Paulo

Ressaltamos que alguns dos entrevistados migraram para outros lugares antes de fixarem residência em São Paulo. Tanto Raimundo quanto Ribamar tiveram experiências nos estados vizinhos ao território maranhense. Afirmam que:

Minha infância todinha foi em Tuntum, até os 16 anos. Aí, com 17 anos eu casei, e daí fui para Imperatriz. De Imperatriz eu fui para Marabá, no Pará, fiquei 16 anos lá. Depois de Marabá, por motivo de doença da minha menina, que eu te falei, vim para São Paulo.

(Raimundo)

Dois anos no Ceará, depois tudo em São Paulo, aí voltamos em 1960 para o Maranhão, passamos 5 aninhos(...) e São Paulo de volta.

(Ribamar)

Raimundo acrescenta que o trabalho que desenvolvia no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) proporcionou a ele conhecer vários municípios do Maranhão, disse: “*morei mais no mundo que lá em casa mesmo*”; chegou a passar alguns meses em Teresina-PI, pois antes do casamento tentou morar na referida cidade com a futura esposa. Ele relata:

(antes do casamento) *Eu morava em Imperatriz, na Reforma Agrária (atividade que desenvolvia no INCRA). Trabalhei em Santa Inês, Santa Luzia, Imperatriz, do outro lado do rio Tocantins, e fui, passei dez meses trabalhando em Imperatriz (...) e ela estava sozinha lá em Santa Inês, depois que o pai dela passou mal, fomos para Teresina... moramos lá até ele se recuperar. Daí, viemos para São Paulo. (Ribamar)*

3.2 Conversas de Chegada

Todos os entrevistados falaram da importância da rede social neste momento de chegada e adaptação. Na bagagem, Raimundo trouxe a esperança de recuperar a saúde da filha, pois esse foi o único motivo dele trazer a família para morar em São Paulo. A comunicação daquela época era muito difícil, eles tinham notícias de um primo da esposa que já morava aqui. Na entrevista, ele relata o momento da decisão e as dificuldades de contato:

A essa altura a gente morava em Marabá e eu falei para a mulher: 'Bom, só tem uma solução para nós, é São Paulo.' Ela falou assim para mim: 'Como eu vou para São Paulo, se eu não sei nem para onde fica? Não conheço ninguém.' Naquela época, as notícias que a gente tinha, das pessoas que vinham, eram daqueles programas de rádio. Ela tinha um primo, mandou uma carta para ele, perguntou tudo direitinho para ele, pois este primo dela morava aqui. (Ele) fez o mapa de como ela chegava aqui e minha mulher veio para São Paulo(...). O dia que a gente chegou aqui, eram oito horas da manhã, peguei, ligamos para a família dela. (Raimundo)

O momento de chegada de Ribamar teve semelhanças com o de Raimundo; suas recordações foram acerca do apoio familiar da esposa que já morava em São Paulo.

Chegamos aqui e fomos para Guarulhos, ela tinha parentes lá. Primeiro que eu não tinha idéia de vir morar aqui. Cinco horas da tarde, na rodoviária velha, lá na Luz, tinha uma estátua na praça, subia assim (faz gesto com as mãos), eu olhava e pensava, não dá certo, mas já que estamos aqui, vamos tentar. Para mim, estando com saúde, sempre ganhava um troco. (Ribamar)

Para Sebastião, foi o irmão caçula que transmitiu as boas-vindas de chegada. No entanto, ao expressar as lembranças afetivas e calorosas desse momento, na mesma entrevista, posteriormente, coloca em dúvida a ajuda das pessoas que passou a conhecer, seja conterrâneo ou não, apontando silenciosamente grande decepção nos contados para redes sociais.

Porque tinha um irmão mais novo morando aqui, ele já morava aqui e aí eu vim para cá e comecei a trabalhar e fiquei até hoje trabalhando aqui. Eu morei um ano com ele, daí eu casei, fiz minha casinha e fui morar. (...) O que São Paulo me ensinou, por exemplo, trabalhar, e não confiar em amigo ou estranho nenhum. Porque se você confiar nos outros, está ferrado aqui. (Sebastião)

Na maioria dos casos, os migrantes não apenas recebem apoio na chegada como, depois de estabelecidos, passam a ser o porto seguro dos futuros deslocamentos. Conceição seguiu os passos do cunhado e da irmã, mas quase toda a família veio em seguida dela. Os dois fatos são lembrados com sabor de sucesso:

Lá estava tudo muito difícil, ele (meu cunhado) resolveu vir para São Paulo. Foi da cabeça dele... Foi para eles crescerem na vida, para eles tomarem um rumo na vida deles, chega uma hora você tem que tomar um rumo, com três filhos... Minha irmã não trabalhava. Então, ele resolveu vir. Ele veio, ficou um mês, daí ela já veio também, alugaram uma casa. Aí eu vim atrás, eu vim para cá. Fui trabalhar. (Conceição)

Veio todo mundo – Já estava minha irmã aqui, meu cunhado, as crianças – e veio todo mundo, depois de um ano, todos vieram. Papai e mamãe

ficaram sozinhos lá. Todos vieram estudar, trabalhar. Veio Tereza, Lourdes, eu, aí, antes de eu vir, veio João. Veio toda essa turma. A Lúcia não tinha treze anos, a caçula. Mamãe ficou com muita saudade, daí voltou só Lúcia e Lourdes, que eram as menores. Nesse período que ficamos aqui, meu irmão casou e voltou para lá, ele odiava São Paulo. Ganhava bem na Philips, no dia que ele pediu as contas, falaram para ele, você pode voltar a hora que quiser. (Conceição)

Essas falas dos migrantes abordam os momentos iniciais de adaptação na cidade de São Paulo. Também, confirmam a importância das redes de interações sociais dos maranhenses já estabelecidos com seus parentes e conterrâneos, no acolhimento dos recém-chegados.

Geralmente, o primeiro a chegar em um lugar, faz crescer uma rede em torno de si, incluindo outras pessoas, migrantes ou não. Essas redes proliferam-se e sustentam-se. Funcionam quase como uma força estrutural. Esse apoio incondicional ficou evidenciado na pesquisa realizada por Baptista (1998, p. 286), analisando as redes sociais de solidariedade, como tática de resistência e sobrevivência, na vida cotidiana do migrante nordestino, residente em São Paulo, que enfrenta a pobreza e a miséria. Entre os depoimentos colhidos pela autora, o de uma migrante nordestina explicita isso: “A ajuda que temos junto aos nossos que moram aqui é grande. Se não fosse isso eu não teria como estar aqui”. (Idem, 1998, p. 288).

Todos os entrevistados apontaram alguma dificuldade nessa fase de adaptação; destacaremos apenas alguns trechos que evidenciaram isso nos depoimentos.

Considerando as mudanças geográficas, o clima foi um fator de estranheza, pois a sensação de frio era uma grande novidade para Ribamar e Sebastião, tendo em vista que o clima do Maranhão é constante e muito quente em todas as estações do ano.

Chega o tempo de frio, eu não durmo. Dá uma câibra no pé. Tinha uma garoa, ela parece que furava. Provocava coceira no meu corpo. E no piso era cheio de jornal. Uma vez eu peguei aqui um grau negativo, três horas

da manhã. Ninguém via nada, cerração (...) eu estava para morrer.
(Ribamar)

A coisa mais difícil e ruim que eu achava aqui era o frio. Antigamente, em 1978, 1979, tinha um frio de matar. Isso daqui era um capinzal, ficava tudo queimado. Para lavar roupa, de manhã pegava nas roupas, pegava o gelo. É que não tinha ninguém para fazer nada para ninguém. Agora mudou muito. **(Sebastião)**

Para Raimundo, a parte mais difícil foi a moradia, que no começo foi muito improvisada para toda família dele ficar dividida pelos vizinhos no período noturno, fazendo referência ao conforto da residência anterior. Ele Relata:

O momento mais difícil foi à noite, eu lembrava da minha casa do Pará, do tamanho da minha casa, do conforto que eu tinha lá, e naqueles 15 dias me achar dormindo na cozinha do vizinho, e chovia muito nesse tempo, sabe aqueles tatuzinhos, e eles caíam. Não podia fazer nada, era o único lugar que eu tinha, com muito boa vontade do dono da casa. **(Raimundo)**

A distância dos lugares chamou a atenção de Conceição, pois os quilômetros que a separavam do local de trabalho eram maiores que todo o diâmetro de São Luís, cidade que ela morava antes de chegar em São Paulo.

Quando eu casei, eu fiquei na rua São Domingos, uns cinco anos, daí meu marido comprou um apartamento em Guarulhos, perto do aeroporto. Era bom o apartamento, mas para mim era muito ruim, muito longe (...) Eu falei, vou-me embora daqui. Meus filhos são mais importantes. Aluguei um apartamento em frente onde eu trabalhava. Da janela eu via meus filhos. Aí fui morar na Santo Antônio, fiquei lá quase uns dez anos, aqui no centro.

Comida e paladares foram citados também com grande diferença, desde o preparo, os ingredientes e as preferências de sabores que eram habituados a degustar nas cidades de origem.

Comida boa, comida com caldo, maxixe, especialmente a vinagreira. A vinagreira com a comida é boa demais. A gente come comida paulista porque é o jeito... comida boa é comida nordestina. Eu gosto da fruta, banana com farinha. Eu cato assim (faz gesto com as mãos), ó... até arrepia só de lembrar! É bom demais... (Sebastião)

3.3 Mudanças de Vida: Família, Moradia e Trabalho

A partir de agora, iremos descrever e analisar os depoimentos dos migrantes maranhenses em referência às mudanças de vida, tendo em vista as relações familiares, a questão da moradia e do trabalho, presentes no decorrer do envelhecimento na cidade de São Paulo.

FAMÍLIA

Para o migrante, tendo em vista o contexto familiar, a sensação de “despedaçar-se” existe tanto para quem deixa quanto para quem fica no lugar. Quando nos distanciamos de um ente querido, ou quando da transição de grupos familiares inteiros, ingressando na (in)desejada e desconhecida cidade, sentimos mudanças mais do que geográficas, criamos possibilidades construir os atuais arranjos familiares.

Para Conceição, tanto os familiares ascendentes quanto os descendentes foram presentes e atuantes no cotidiano que ela viveu. A entrevistada nos conta parte de sua infância e a construção de seu núcleo familiar:

Fui morar com uma tia minha, irmã de papai. Ela acabou de me criar. Daí estudei, terminei o ginásio. Nesse período de ginásio nós compramos a casa em São Luís. Daí juntou toda a família. Morava todo mundo separado, era horrível. A gente tinha influência de outra pessoa, por exemplo, quando eu fui morar com minha mãe, minha mãe morria de ciúmes, porque eu era apegada com minha tia e com minhas primas, até hoje. Menina, eu sofri muito, porque minha mãe entrou em choque. Achava que eu gostava mais da minha tia do que dela. Realmente, eu era apegada a minha tia... Ela me criou não sei quantos anos. Daí, na década de 60, meu pai comprou a casa, foi quando terminei o ginásio e fui fazer o científico no Santa Tereza. Depois a faculdade. Depois que eu me formei eu vim embora para São Paulo. (Conceição)

Meu esposo era do Maranhão. Nos casamos aqui em São Paulo. Ele era meu primo longe. Eu já morava aqui em São Paulo, ele veio atrás, e nós casamos em 77 e as meninas foram morar com minha irmã. Depois mudaram para uma casa. Todo mundo se cuidando. É todo mundo muito independente (...) Tive dois filhos; ela - Maria Eduarda - nasceu em 1978. E o Marcos Vinícius é de 1981. Nasceram aqui, são paulistanos, estudaram aqui. (Conceição)

Recordações doloridas da infância de Sebastião; ele nos contou que o pai abandonou sua mãe com todos os filhos. Por conta dessa experiência, ofereceu uma criação diferente para os filhos. Sua voz ficou mais baixa e os olhos chegaram a lacrimejar nesta parte da entrevista, mas não quis interromper o depoimento e seguimos com outros assuntos depois. Segue transcrita a parte mais emotiva que ele relatou:

Minha mãe morreu. Faz dois anos que ela faleceu. Meu pai ainda é vivo. Eu não tenho contato com ele, porque ele fez ingratidão para minha mãe, por isso os filhos ficaram revoltados, porque ele deixou nós tudo pequeno, e foi morar com outra mulher. Nós somos em seis irmãos. Eu fui criar meus irmãos, tudinho. Então não fui para a escola. Eu era maiorzinho. Meus irmãos eram tudo pequeno, o que ia fazer? Tinha que trabalhar para criar eles. Por isso que hoje em dia nós não somos muito ligados ao papai por causa disso. O que ele fez com nós (...).

Eu falo para eles, olha, eu quero dar um presente para vocês que meu pai não deu. É como eu falei para essa minha filha, Valéria. Eu quero dar um presente que meu pai não deu e o que mais me chocou foi ela falar que eu era um pai coruja. (Sebastião)

A família sempre vem em primeiro lugar para Ribamar, diz que aprendeu isso com os pais, desde criança, então não poderia ficar separado de sua esposa, largou tudo no Maranhão para acompanhá-la, como já foi dito anteriormente:

Nossa família é o seguinte, tem que honrar o casamento (...) Sempre fui uma pessoa correta, diante dos meus pais, os ancestrais deles eram escravos, tinha o que eles chamam de carranquismo. Aquele jeito rústico, uma vez chegou um cara, do jeito de meu pai, estilo de Lampião lá em casa. Meu pai trabalhava com lavoura. Aquilo nunca fez meu tipo. Eu chamava o pai e dizia, pai, não é por aí, o mundo está se modernizando. Ele era analfabeto. Eles eram do jeito deles. Como eu estava na escola, diferente, eu pensava que não era daquele jeito. (Ribamar)

A doença do irmão de Raimundo foi uma preocupação para ele, pois trouxe, através das lembranças, a falta de tratamento de saúde naquela época, e simultaneamente recordou a morte dos pais, comovendo-se, de modo bastante contido, mas entre suas palavras havia tristeza:

O que me marcou mais foi o falecimento dos pais. Uma vez também que meu irmão adoeceu, eu precisei levar ele para Teresina (PI) e não tinha condução. Daí falei com o prefeito, que era um prefeito que eu mais ajudei na campanha política, trabalhei de graça para ele, e a resposta que ele me deu foi, que qualquer carro que trabalhava na prefeitura, não podia atravessar a fronteira de um Estado para outro. Não podia fazer isso. Daí eu perguntei se ele não podia me levar até Timon (MA) – ele podia me levar até Timon era fronteira – ele falou que não, que não dava, e aí eu notei que era um gesto dele, assim, e isso eu não esqueço até hoje. (Raimundo)

As relações familiares repercutem diretamente na construção da subjetividade das pessoas. Cada um dos componentes familiares, seja ascendente ou descendente, tem sua importância na teia familiar como um todo. Ainda assim, encontramos na nossa sociedade uma tendência para um padrão idealizado, considerando que “a família é um valor e, como tal, uma referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada indivíduo”. (BARROS, 1987, p.108).

Para os significados serem construídos, tanto na apreensão como na resistência às tendências sociais, buscamos as análises de Roudinesco (2003), que reflete sobre “a família em desordem”, apontando algumas mudanças ao afirmar que “a família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas” (p. 21).

No entanto, acreditamos que tais mudanças não são apenas de cunho negativo, mas são convites para a diversidade do cotidiano em convivência com o “outro”, independente do grau de parentesco e da idade que possamos ter. Medeiros pesquisa sobre o lugar do velho no contexto familiar:

Pensar na família nos leva a considerar o espaço onde se dá a vida cotidiana. É nesse espaço que se processa a nossa existência; nele, os mais velhos transmitem a história oral das famílias, os legados de cada geração, e é aí que se dá a articulação dos fatos históricos e a vida pessoal (...) A família mudou e os velhos também. Novos arranjos estão surgindo. A família não é só papai, mamãe e filhos. Existem as que são chefiadas por mulheres, outras formadas só por mulheres, sou só por homens. Existem as chefiadas por idosos, mas todas buscam muitas vezes ‘aquele modelo’ idealizado de um lugar sem conflitos. (MEDEIROS, 2004, p. 190-192)

MORADIA

Todos contaram uma forma de superação das dificuldades de moradia que tiveram ao chegar em São Paulo. Mesmo que a maioria continue residindo em uma região periférica da

cidade, demonstram satisfação em constatar avanços, tendo em vista o período de adaptação, pois são felizes nas atuais residências.

Raimundo falou da dificuldade de alugar casa naquela época, na Zona Leste, por causa da quantidade de migrantes nordestinos que chegavam diariamente, por isso aquela região cresceu bastante. No caso dele, a família ficava dividida no período da noite, pois ele tinha que dormir em casa separada da que os filhos e esposa estavam:

Era uma família, e chegou mais seis, eu, a mulher e mais quatro filhos. A gente se via de dia, – à noite, como não dava para dormir todo mundo na casa, eu pedia para os vizinhos, aí, cada um dormia numa casa, e de manhãzinha se juntava de novo, até alugar uma casa. Nesse tempo, aluguel de casa aqui era uma mão-de-obra. Não achava não. Um monte de nordestino chegando para cá. Daí veio um cunhado meu também. No dia que eu fui deixar meu cunhado, que ele foi embora, cheguei e tinha uma casa desocupando, consegui alugar, pertinho de onde a gente estava. Daí começou a melhorar as coisas, tudo direitinho, passamos um certo sufoco, mas nada que a gente não pudesse agüentar. (Raimundo)

Ribamar reclama da situação de aluguel, mas contou que não teve dificuldade em encontrar um local com estrutura reduzida:

Difícil foi estar morando de aluguel. Isso é o fim da picada... Fiquei três meses morando no primo dela. Depois, no mesmo local, arrumamos com o dono da propriedade, ele arrumou um salão para nós, então era nós e o tio dela e o filho. Em três cômodos, eram três famílias. (Ribamar)

Sebastião não fazia exigências para o local de moradia quando saiu da casa dos parentes. Ele descreve a dureza da realidade de quem superou mais uma dificuldade, contando a experiência de sua primeira casa em São Paulo:

Como dizia meu pai: cachorro e suas pulgas. Eu queria um local para a gente ficar. Passamos... Os pais dela arrumaram uma casa lá no Jaçanã, um cortiço. Tinha seis famílias lá nesse cortiço. O quarto que a gente ficava não cabia cama de atravessado. Tinha que ser de comprido. Lá no quarto, se ela estivesse lá, eu tinha que deixar ela sair para poder entrar. Foi difícil. Na realidade, eu só passei dificuldades. (Sebastião)

A vida de Conceição foi movimentada em busca de uma moradia que conciliasse a família e o trabalho no mesmo local. A primeira tentativa foi residir em São Caetano, mas essa foi a estadia mais curta. Ela conta por que não deu certo:

Depois que mamãe falou que ia mandar os meninos para cá, porque lá era muito difícil, alugamos a casa do lado da minha irmã. A minha era 44, e a dela 45. Aí ficamos morando lá, um ano e pouco. Daí os meninos foram estudar e essa minha irmã que é médica veio também. Alugamos uma casa em São Caetano, por causa da faculdade, para fazer vestibular. Mas não deu certo porque era muito longe. A casa era boa, mas tinha enchente, não podia voltar para casa e voltamos para cá. (Conceição)

Brant (1989), que realizou uma pesquisa na década que os entrevistados buscavam suas primeiras moradias, constata, através de coleta de dados, a mesma realidade que os entrevistados viveram concretamente.

Na São Paulo da década de oitenta, o grande sonho de todos, e principalmente da população de baixa renda, continua sendo a casa própria (...). Ao longo da vida da família, costuma também ocorrer uma melhoria das condições habitacionais. A moradia pode, assim, compensar em parte o que ocorre no mundo do trabalho. Enquanto o trabalhador sofre, à medida do envelhecimento, uma queda de suas oportunidades de emprego e de remuneração, ele pode ir incorporando na casa recursos e trabalho ao longo da vida, melhorando progressivamente suas condições de habitação. (BRANT, 1989, p. 74-75)

TRABALHO

Trabalho é um aspecto que impulsiona os migrantes. Na grande maioria da população que migra – incluindo os pesquisados – procuramos, através dos relatos, identificar as atividades de trabalho anteriores e as que estão desenvolvendo atualmente.

Raimundo trabalhou em diversas atividades, independente da sua experiência profissional anterior, pois com sua baixa escolaridade, não buscou se especializar em nenhum ramo profissional, limitou-se a remunerações que garantissem a sobrevivência da família.

Nesse período aqui, emprego tinha demais para escolher. Então, meu primeiro emprego aqui, arrumei serviço na funilaria de uma oficina grande. Já comecei a trabalhar logo que cheguei. Nesse tempo a gente não ficava sem emprego(...). Minha profissão, primeiro, foi sapateiro. Segunda profissão, pedreiro, para poder segurar a barra da família e a terceira foi funilaria e pintura de auto. Aí eu parei. Atualmente sou autônomo. Botequeiro. Trabalhei demais, mas está bom... (Raimundo)

Sebastião não se distancia de seu Raimundo no que se refere a crescimento profissional em alguma categoria de trabalho. No entanto, falou do desejo de aposentadoria, mas ainda não conseguiu porque estão faltando alguns documentos. Descreve o período de grande oferta de trabalho no final da década de setenta em São Paulo, além da ocupação atual:

São Paulo era muito bom. Você chegava, batia na porta, vamos trabalhar. Hoje, não tem nada. As pessoas falavam, chegou alguém do norte? Era Matarazzo, era muita firma que chamava. Assim que era. Era bom demais(...). Sou ajudante geral. Agora, estou trabalhando como auxiliar de limpeza. (Sebastião)

Realidade semelhante encontrou Ribamar, com trabalhos de motorista e depois com atividades informais, não conseguiu aposentadoria, mas encontra-se atualmente vinculado ao Benefício de Prestação Continuada.

Dei sorte. Chegamos dia 5 e no dia 6 fui trabalhar na empresa de ônibus de Guarulhos(...). Teve uma época que eu trabalhava 20 horas e o salário na época era 150 reais, hoje, digamos. O normal era oito horas, a gente fazia mais oito. No dia da folga, a gente fazia o dobro. (Ribamar)

Conceição encontra-se aposentada, mas deseja retornar ao mercado de trabalho, diz que não gosta de ficar parada. Conta-nos seu trajeto de trabalho expressando realização em suas escolhas profissionais.

Eu pensei, minha filha é mais importante. Ela cresce um pouco e eu volto. Meu marido ganhava bem, e eu saí e fiquei em casa. Nesse intervalo, eu prestei concurso e passei. Fui para lá. Eu estava grávida do Júnior. E daí eu fiquei lá, foi ótimo, na área de saúde e previdência social. Minha trajetória é essa. Não me arrependo de sair da Coca-Cola, pela minha filha... Trabalhava no centro de saúde até 2003. Aposentei com 35 anos trabalhados. (Conceição)

Yazbek (2001, p.39), aponta como ponto de partida para refletir acerca do sistema de proteção social público no país, a análise das conjunturas e suas expressões que se configuram através das relações sociais no capitalismo brasileiro, principalmente quando se destacam na sociedade contemporânea as manifestações de pobreza e exclusão social.

A modificação no mundo do trabalho dos migrantes, como por exemplo: funções e atividades que eles desenvolvem, o próprio olhar do que é trabalhar, as relações sociais que se ampliam ou restringem-se, são aspectos que influenciaram a vida dos maranhenses que vieram para São Paulo. Em sua grande maioria, registrando uma história construída com a luta pelo emprego, trabalhando muito e ainda assim com pouca valorização dessa mão-de-obra não especializada.

A dissociação entre a aposentadoria e a velhice, para a antropóloga Debert (1999, p. 56), faz parte de um conjunto de transformações que caracterizam a experiência contemporânea; a autora está convicta de que as configurações culturais são estabelecidas

com uma dimensão compreendida pela produção e reprodução da vida social. Ela afirma ainda que o desenvolvimento capitalista acompanha e solidifica “uma relação indissociável entre o fim do trabalho assalariado e o último estágio da vida”.

3.4 Ser maranhense em São Paulo

Nesta parte, os entrevistados nos relatam sentimentos acerca de fixar residência em São Paulo, destacando suas impressões dessa cidade, que eles encontraram na década de setenta e dela atualmente.

Raimundo aponta aspectos positivos de ser morador de São Paulo, mas depois acrescenta que o importante é ter tranquilidade para realidade da vida, ser conformado com suas aquisições é a melhor resposta que ele encontrou.

Olha, São Paulo, na verdade, no período de toda minha vida, para ser sincero, eu não tenho nenhuma lembrança ruim. Todas são boas, porque eu sou uma pessoa muito conformada, todo dia eu dou graças a Deus por mais um dia de vida, do jeito que estiver, se eu tiver comida, ou se eu não tiver nenhum centavo, não faz diferença, sempre conformado com que ele me dá, trabalhando direto, mas sou conformado. (Raimundo)

Sebastião apesar de perceber vantagens em morar em São Paulo, não esconde de ninguém o desejo de voltar para cidade de origem.

Mas é muito bom São Paulo, bom para se tratar, para passar no médico, pega remédio de graça no posto, é bom demais. No Maranhão para comprar um remédio tinha que trabalhar dois anos na roça, morria e não tinha nada. Porque aqui é mais fácil para viver (...) Mas sou apaixonado pelo nordeste. Aqui é um lugar muito agitado, ninguém passeia, aqui tem muito lugar perigoso, não tem passeio. Pirapema é meu lugar, eu cresci lá,

conheço tudo lá. Olha, tenho vontade de aposentar e depois voltar.
(Sebastião)

Ribamar nos relatou que, depois de morar vários anos em São Paulo, apreendeu tantos os aspectos positivos quanto os negativos de permanecer nela. No entanto, em seu depoimento expressou sentimentos contraditórios dessa experiência, pois apesar de afirmar que viveu somente dificuldade nessa cidade, acrescenta que ela é uma boa escola da vida.

*Nada de especial, só dificuldade. Nunca mudou nada. É que a gente leva na esportiva (...) São Paulo é meio a meio, partes boas e más. Quem não aprendeu, vem para cá aprende. Viver o que eu vivi, o bom e o ruim. Para viver em São Paulo é preciso muita paciência e, se der de cara com as pessoas, conhece muitas idéias boas e más. São Paulo é bom, o que falta mais é um pouco de sorte aqui... É como diz os antigos, eu danço conforme a música. São Paulo é bom, a gente aprende! **(Ribamar)***

Conceição diferente de todos, não consegue viver longe da cidade paulistana, ela se identifica com o ritmo do cotidiano metropolitano que vivencia há mais de três décadas com sua família. Mas faz algumas ressalvas para os migrantes que se deslocam com pouca estrutura ou sem perspectiva definida. A entrevistada acrescenta que, mesmo gostando de São Paulo, não fecha os olhos para o que a cidade tem de ruim.

Eu quero ir para São Paulo me aventurar, não venha, mas se você tem um sonho, uma meta, você quer fazer uma especialização, tem uma base, um objetivo, sabe onde encontrar, venha, que é maravilhoso. Agora, se você disser, quero trabalhar em São Paulo, eu não aconselho, porque São Paulo é muito difícil, se você não tem uma base, uma preparação, aí, não! Quantas meninas já me ligaram, eu digo, não vem, que não vai dar certo. Você tem que vir já com um objetivo, uma coisa. Uma estrutura estabelecida, mas para se aventurar, não! (...) Aqui, antes era uma tranquilidade. Hoje, você tem que ter um animal ou grade, e antigamente era tudo liberdade. Era tudo muito mais tranquilo, sossegado, 32 anos

atrás. Hoje é grade até no teto, cadeado, e o cidadão com medo.
(Conceição)

Neste sentido, as falas dos sujeitos versam com as idéias de Vêras (2003) na pesquisar da distribuição espacial dos grupos imigrantes (italianos sobretudo), analisando a capacidade de enfrentamento dos múltiplos desafios desenhados na topografia da alteridade em São Paulo, tanto do fluxo histórico coletivo, quanto do fluxo da memória dos seus personagens.

Entre as mais significativas características do processo migratório constam aquelas ligadas à “recepção” do estrangeiro e às suas condições de adaptação à cidade, sua habitação, seu território. De fato, a inserção no espaço urbano carrega componentes econômicos-sociais, mas também o simbólico e o imaginário. A avaliação de sua vida em São Paulo está perpassada pelo simbólico. As categorias racionais e o imaginário estavam presentes no ato de emigrar e continuam presentes na nova vida. Nesse sentido, é difícil despir “o mitológico” dos discursos, por mais racionais que pareçam. (VÉRAS, 2003, p. 284)

O significado de ser maranhense em São Paulo para os entrevistados demonstram a presença da diversidade cultural, caracterizada pelas relações de identidade que o indivíduo tem antes de migrar, bem como pelas possibilidades de relações sociais enfrentadas no novo cotidiano.

Raimundo ao ser questionado sobre como é ser maranhense em São Paulo, descreve, prazerosamente, uma sensação de comunidade, pois na região onde ele mora, a quantidade de conterrâneos permite que os hábitos culturais maranhenses sejam preservados. Segundo o mesmo entrevistado:

É bom, porque, na verdade, aqui em São Paulo, qualquer naturalidade é bom, não é só maranhense, porque tem muita gente, de tudo quanto é estado. Maranhense, por exemplo, se você quiser fazer uma festinha e chamar só maranhense, lota. Se você for a São Miguel é do mesmo jeito, se você for ao Pantanal, nem se fala. Em Itaquera, tudo que mais rola lá é maranhense. No meio dos conterrâneos é mais fácil de se entender.
(Raimundo)

No entanto, Ribamar pensa diferente do depoente anterior, pois tem dificuldade de conhecer pessoas de origem maranhense nos locais que ele frequenta.

É difícil encontrar aqui. Nesses bailes que eu tenho ido, eu só encontrei três... Nosso sotaque é diferente de todos os outros estados. Tive lá, em Santa Inês, e não mudou nada no estilo deles falar e eu. E tenho trinta e poucos anos aqui. Não é questão de eu querer, é a natureza. Isso vem de berço, não adianta querer falar diferente. (Ribamar)

A tradição nordestina deve ser um legado transmitido através, primeiramente, da família na opinião da Conceição. Ela nos relatou que o maranhense é um povo ativo para as questões do trabalho e comprometido com a cultura de origem.

Nós, maranhenses somos muito trabalhadores, temos respeito, embora os filhos que nascem aqui, as crianças, eles são paulistanas, mas tem sangue maranhense. O pai diz, não é assim... Tem que ter o respeito pela nossa terra natal. (Conceição)

A relação de Sebastião com sua filha foi apresentada no decorrer da entrevista, como uma relação conflituosa, já faz algum tempo. Em seu depoimento, contou que aconselha sua filha – incisivamente – a não criar vínculos seja com conterrâneos ou não.

Aqui, não pode confiar em amigos. Eu tenho uma filha que saiu de casa, eu disse para ela, olha, filha, aqui a gente não tem amigos. Então ela achou que eu estava errado, e acabou “batendo a cabeça”. Aqui ou você tem que estudar ou trabalhar, senão vai embora... Mesmo maranhense, dá cacetada na primeira queda. (Sebastião)

Poderíamos escutar outros maranhenses, anônimos ou com representatividade nacional, mas Paschoal (2000) inspirado na vida do poeta e cantor maranhense, João do Vale, que apesar de ter ficado rotulado como “o compositor do Carcará”, não era, definitivamente, um compositor de uma música só. Embora sempre deixasse claro que não gostava de ser

menos conhecido que a ave que ele eternizara nos versos e no batuque de sua mais famosa canção, interpretada pela baiana Maria Bethânia.

Simbolicamente, este João, expressa com simplicidade a cultura maranhense com suas calorosas desigualdades sociais. O referido autor através das palavras de Ferreira Gullar em uma entrevista sobre João do Vale, afirma:

Na arena do Teatro Opinião, fazia o público ora rir, ora chorar, com a força e a sinceridade de sua música e de sua palavra. Autenticidade é uma palavra besta mas é na autenticidade que reside a força desse João maranhense, vindo de Pedreiras para dar voz nacional ao Sertão. Mas não só nisso, e não apenas no seu talento, como também em sua cultura. Há gente que pensa que culto é apenas quem leu muitos livros. No entanto, se tivesse tido, como eu, a oportunidade de ouvir João cantar as músicas sertanejas que ele sabe, veria que ele é a expressão viva de uma cultura que não está nos livros mas na memória e no coração dos artistas do povo. (PASCHOAL, 2000, p. 78)

De acordo com Geertz (1989), o homem dá significados às estruturas que o compõem. As ciências humanas são interpretativas, considerando que a cultura está relacionada a padrões de significados que estruturam as relações elementares do homem para o desenvolvimento de sua linguagem, conhecimento e história. Como afirma Lopes que “o conceito de cultura implica na aceitação do pressuposto de que não existem homens não modificados pelos costumes de lugares particulares”. (LOPES, 2000, p.73).

3.4 VERSÕES MARANHENSES DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO EM SÃO PAULO

A seguir, os entrevistados relatam sobre significado do envelhecimento, tendo em vista sua experiência de migrante, buscaremos apreender as singularidades deste processo existencial para os maranhenses residentes em São Paulo.

Raimundo afirma que sente orgulho com da experiência vivida e, também, de sua aparência, pois nunca teve dificuldade em admitir a verdade idade:

Eu não me preocupo não. Tenho orgulho da minha idade. Eu tenho prazer da pessoa me perguntar quantos anos eu tenho e eu falar. Esse negócio de achar que é falta de educação a pessoa perguntar a idade e você ter que responder... não. A prova é que a menina que eu corto o cabelo com ela, ela é doidinha para pintar meu cabelo. Eu digo, não, pode deixar o 'bichinho' branco assim mesmo, branquinho. Se ele está branco é porque está indicando minha idade. Nada de pintar. Ela dá risada. Ela diz: 'único coroa que eu vejo com esse orgulho'. Eu digo: 'eu vou morrer com esse orgulho'. (Raimundo)

Para Sebastião ser idoso é uma realidade nova e desconhecida. Apesar dele apontar algumas mudanças que descobriu com o passar dos anos, acreditar ser mais calmo atualmente, pois o corpo não agüenta fazer todas as coisas que desenvolvia quando mais jovem, atribuindo o desgaste físico à idade avançada. O entrevistado acrescenta que após deixar o alcoolismo:

Eu me sinto outra pessoa hoje. Mais sossegado, eu parei de beber cachaça, eu bebia muito. Porque pessoa que tem problema com família começa a beber, né? Então, eu sou um cara que uso minha cabeça. Eu não bebo, não fumo, nem nada. (Sebastião)

Ao ser questionado sobre a fase da velhice, Ribamar demonstrou surpresa pela pergunta, pois não se sente velho. Ele relata:

Eu sou uma pessoa feliz. Me sinto boy(...) A palavra velho não existe no meu dicionário. É como diz aquele cara, artista, eu não sou velho, eu sou um jovem idoso. O que manda é a mente. Se ele tem uma mente deturpada já para isso, se ele se entrega, azar o dele. Eu não nasci para isso, para ser velho não. (Ribamar)

Conceição nos conta que tem certeza que irá viver ainda muito anos. Partindo da referência que seus pais tiveram uma vida longa. Segundo ela, a situação dos idosos

melhorou no Brasil; no entanto, não se inclui entre as pessoas idosas, diz que quando chegar sua vez, não vai ter problemas:

Hoje com meus sessenta e quatro anos bem vividos, penso diferente. Sou aquela que ainda tem sonhos e que não mede esforços para realizá-los. Digo com convicção: não sou idosa, tenho sim acúmulo de juventude. Quando minha velhice chegar, sei que será muito longa, pois meus pais viveram muitos anos: meu pai morreu com noventa e dois e minha mãe está com oitenta e quatro. (Conceição)

Os entrevistados após relatarem algumas lembranças do trajeto percorrido como migrante, destacam o significado de envelhecer. Alguns depoimentos apresentam uma diferença entre a concepção de envelhecimento e o envelhecimento vivido, apontando a idéia de juventude como um tempo ainda presente para eles; já em outros depoimentos, admitem a velhice como uma etapa da vida a ser enfrentada.

Quase todos os sujeitos, expressam através das suas falas, a utilização do termo *velho* como adjetivo de tudo aquilo que é negativo, não importa a idade cronológica da pessoa, que por ventura, seja modulada nesta categoria.

Outro aspecto é a relação da velhice como doença, pois indiretamente apontaram as limitações físicas e as patologias, sendo questões naturais para quem está na fase da velhice.

Lopes (1999) cita que o processo de envelhecimento é complexo; a saúde do idoso estaria, desta forma, relacionada com fatores tais como: saneamento, nutrição adequada, moradias confortáveis e escolaridade.

A saúde seria parte do progresso econômico e social, refletindo uma teia de relações entre múltiplos aspectos, já que a condição de uma pessoa depende de seu natural e social. (LOPES, 1999).

A importância do lazer na velhice, evidencia-se como unanimidade, em todos os depoimentos. Apontaram mudanças no estilo de vida dos idosos, atualmente. Alguns

entrevistados já começaram a praticar e outros ainda estão na parte do discurso. Alguns trechos dos depoimentos:

Agora, no fim de semana vou num bailinho da terceira idade. Vai muita gente. Ontem eu fui, Sábado eu fui ali no Curuçá. Mas fiquei mais lá dentro. Não dancei. Ontem eu fui e dancei um pouco. Chego cedo. Passei trinta e poucos anos sem dançar, voltei a dançar em 2001. (...) Outra coisa que eu vi de velho, como vi lá no Cambuci, nessas praças. Pega o cachorrinho, põe uma corrente e vai jogar dominó nas praças. Eu conheço vários tipos de jogos, mas não faz meu gênero. O jogo que eu gostava era futebol. Parei em 67, mas essas coisas, não. (Ribamar)

“Tem forró, lá em Itaquera. Tem um colega meu que todo santo dia descola um forró. Acima de 60 anos. Terceira idade, hoje, vive”.

(Raimundo)

Quando questionamos se desejam ou planejam algo para o futuro, quase todos afirmam que sim. Entre os entrevistados, apenas dois apontaram o retorno ao Maranhão como uma expectativa de passar a velhice na cidade de origem.

O projeto para o futuro que eu tenho é esse. É ajudar meus filhos enquanto estou vivo, dar respeito para eles, ensinar bem como é a vida. Olha, tenho vontade de aposentar e depois voltar... (Sebastião)

Aqui para São Paulo eu não tenho. Eu quero ver se vou para lá, na terrinha, lá eu quero conseguir uma área...Lá ainda tem áreas, eu quero conseguir lá em Santa Inês. (Ribamar)

Esses migrantes maranhenses ainda sonham retornar para terra natal como escolha de envelhecer no lugar onde deixou sua história e seus vínculos afetivos. O percurso vivenciado na cidade de São Paulo significou construir, de um modo diferenciado, a vida que eles tinham de experiência no Maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: Uma surpresa daquilo que você deixar de ser ou deixar de possuir, revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos”.

(Ítalo Calvino, *In: As cidades invisíveis*, 1998)

No momento de análise do material, já foram feitas análises procurando relacionar os aspectos teóricos abordados na primeira parte do estudo, na interpretação dos depoimentos e, posteriormente, da pesquisadora.

Restam comentários suscitados no encerramento desta dissertação, alguns de cunho pessoal e outros, com maior ênfase, nas questões sócio-políticas.

Ao iniciar esta trajetória desafiante a pesquisadora não imaginou que iria viver todas as sensações relatadas. Se por um lado, a metodologia qualitativa chama atenção para a importância do pesquisador ter fácil aproximação com o objeto de estudo; mas também, proporcionou sofrimentos e angústias inerentes ao interessante processo dissertativo.

Neste sentido, o encontro entre a pesquisadora e os participantes numa relação dialogal passou a ser mais intenso em virtude de ambos terem a mesma origem maranhense. Os entrevistados afirmaram ter mais envolvimento e abertura referentes à vivência de migrante em São Paulo para uma pesquisadora que se encontra na mesma situação de deslocamento, algumas vezes chegaram a sugerir para ela, dicas de sobrevivência na cidade de São Paulo.

Para os maranhenses entrevistados não existe um padrão na dinâmica de migração. Os motivos de saída da cidade de origem e permanência em São Paulo diversificam-se de acordo com cada história vivida, pois eles além de buscarem melhores condições de trabalho, ressaltam que, geralmente, no Maranhão as políticas públicas são escassas e ineficazes, como saúde, educação e dignidade para moradia.

A história da população maranhense, principalmente, no decorrer do século XX, configura-se através dos interesses políticos-econômicos do sistema capitalista globalizado. Ou seja, as políticas sociais vêm sendo substituídas por uma política mais seletiva e restritiva, direcionadas pelas propostas neoliberais, exclusivamente aos segmentos empobrecidos, tornam-se insuficientes os investimentos com o social dando lugar ao fortalecimento e ampliação à política econômica. (MELO, 2006)

Dentro deste contexto, existem os desafios de ser um maranhense velho, pois as condições sociais da grande maioria deles, lutam para conquistarem qualidade de vida, como também para tornarem-se sujeitos atuantes no desenvolvimento de atividades seja sócio-educativas, físicas, recreativas, entre outras. Possibilitando-os um espaço de convivência para (re)pensar e ampliar possibilidades, por meio da discussão de questões do cotidiano familiar, social e comunitário.

Para os entrevistados envelhecer em São Paulo como migrante maranhense foi uma vida desafiante, pois se eles realizarem os objetivos iniciais de partida, o saudosismo não se coloca de maneira excessivamente idealizado. Alguns falam de suas origens, como parte das lembranças vividas no passado; outros, apontam frustração em permanecer nesta cidade, considerando um distante sonho de retorno, sem muito sucesso na bagagem. No entanto, para ambos, neste momento da vida identificam-se como maranhense migrantes é muito menos pesados do que enfrentar a velhice.

Já responderam inúmeras vezes ao ser inquirido sobre a origem do sotaque, tendo ligado com estigmas unificadores: *Não, não sou baiano, Sou maranhense!* Para os sujeitos desta pesquisa, a novidade está no lidar com as limitações adquiridas com os muitos anos vividos. Entre as duas categorias que expressam identidades estigmatizadas, ser maranhense ou ser velho, melhor destacar orgulhosamente o primeiro.

Podemos olhar esta relação como resistência para lidar com a velhice ou sabedoria adquirida por aqueles que frente a adversidades, aprenderam a migrar para aonde tivesse melhores condições de sobrevivência. Aí, pode estar o segredo de uma velhice digna: o resgate dos valores culturais que pertencem ao sujeito sempre em construção.

Procurando uma visão mais otimista, sem dúvida, o país ganha com o intercâmbio cultural promovido pelas migrações, mas o preço talvez ainda seja desproporcional, considerando as condições de dignidade como cidadão brasileiro.

Neste sentido, refletimos algumas possibilidades capazes de abrir novos caminhos interpretativos para melhor orientar as práticas sociais e políticas voltadas ao atendimento de migrantes e da família. Por exemplo, promover visitas aos locais de origem; registrar os depoimentos num museu do Emigrante no Maranhão como patrimônio histórico (presencial ou virtual); “ser enterrado na terra natal”, poderia ser feito para aqueles que desejassem pelo menos simbolicamente.

Apesar da temática do envelhecimento estar presente nas convivências familiares da pesquisadora, desde de sua infância até a inserção profissional como Assistente Social, refletir e escrever sobre esta etapa da vida possibilitou a mesma um olhar para o horizonte aparentemente distante. Pois muitas vezes, teve uma sensação de migrante deslocada, confundindo passado com o presente.

O contato com a abordagem multidisciplinar de Gerontologia convidou a pesquisadora realizar outros mergulhos acerca do processo de envelhecer, tendo em vista as diferentes situações trilhadas pelos migrantes maranhenses que residem em São Paulo .

Estas reflexões não são conclusivas, mas são reflexões realizadas para iluminar outras análises no entendimento do fenômeno do envelhecimento. Tal experiência, pode ser ilustrada, com a história do espanhol e conquistador do México Hernan Cortez, quando ele

apontou em Vera Cruz, no século XVI, a primeira providência que tomou foi queimar seus navios. A seguir, falou a sua tripulação: "Homens, vocês podem lutar ou morrer."

Ao queimar os navios, sua intenção era de não retroceder, ou seja, não voltar à Espanha. Cortez sabia que essa possibilidade era um alibi para incentivar os homens a vencerem a batalha. A mensagem desse forte gesto, é comprometer-se com uma idéia sem a possibilidade recuar.

Simbolicamente, “queimar os navios” é uma postura para guerreiros, não para sujeitos em contínua construção. Sair dos lugares com dignidade, sem fechar as portas, abrir novas possibilidades. Como fazem os migrantes: deixam uma história, amigos e saudades. Cada um levará a própria bagagem e traçará o próprio roteiro. É uma experiência única que não deve ser descartada e nem há guias para prevenir o porvir.

Por fim, utilizaremos as palavras de Camus (2003) para sintetizar o significado vivido pela pesquisadora maranhense ao envelhecer alguns anos em São Paulo, uma estrangeira frente à produção desta dissertação, ao enfrentamento dos dias frios e do cotidiano de hábitos e sotaques antes desconhecidos e agora admirados.

O que me impressionava, então, não era um mundo feito na medida do homem – mas que se tornava a fechar sobre o homem. Não, se a linguagem desse lugar se conciliasse com aquilo que ressoa profundamente em mim, não é porque ela respondia às minhas perguntas, e sim porque as tornava inúteis... *Não há amor de viver sem desespero de viver*”(CAMUS, 2003: 100).

AULETE, C. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970.

BAENINGER, R. **São Paulo e suas migrações no final do século 20**. In: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. 2005. disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/saopaulo448/cronologia.shtml> acesso em 20 de agosto 2006.

BARROS, Valdemira. **Imagens do moderno em São Luís**. São Luís: Estações em movimento, 2001.

BEAUVOIR, S. **A Velhice – I. A Realidade Incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. (texto para discussão n. 1034)

BÓGUS, L. Caldeirão de várias culturas, a cidade ainda atrai. Mas muitos não ficam e seguem para o Interior. In: **Folha de São Paulo on-line**. 2006. disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/saopaulo448/cronologia.shtml> acesso em 20 de agosto de 2006.

BRANDÃO, V. M. A. T. **A construção do saber: Desafios do Tempo**. Doutorado em Ciências Sociais. PUC, São Paulo, 2004.

BRANT, V. CALDEIRA, coord. **São Paulo: Trabalhar e viver**. São Paulo. Comissão Justiça e Paz: Brasiliense, 1989.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMUS, A. **O avesso e o Direito**. Trad. Valerie Rumjanek. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CUNHA, José Marcos Pinto. **Migração e urbanização no Brasil**. Alguns desafios metodológicos para análise. In: Revista Fundação SEADE: São Paulo em Perspectiva. V. 19 N.4 P 1-154 out/dez. São Paulo: SEADE, 2005.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da velhice**. In: Socialização e Processo de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

DURHAM, E. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo: Perspectiva**, 1973.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GUERRIERO, M. A. O cotidiano dos idosos moradores nas repúblicas da cidade de Santos-SP. In: **Revista Kairós**. n.5.2 dez. São Paulo: EDUC, 2002. pp.49-65.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologia Qualitativa na Sociologia**. São Paulo: vozes, 1987.

IBGE. **Informações sobre migração no Brasil**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico-2000. Disponível em www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm Acesso em 4 mar de 2006.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia**. Guia prático da linguagem sociológica. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1997.

LENT, C. L. A Mutação Psíquica: do Particular ao Universal. In: **Transforma o**. São Paulo: Ed. Diferença, 1993.

LIMA, T. M. O trabalho infantil como tema recrudescente da questão social e as estratégias de enfrentamento. In: **Trabalho Infantil: concep es e estratégias de enfrentamento**. São Luís, 2001.

LOPES, R. G. da C. As Rela es Afetivas: Família Amigos e Comunidade In: **A Terceira Idade**, n. 17,1999.

_____. **Saúde na Velhice: As interpreta es sociais e os reflexos no uso do medicamento**. São Paulo: Educ, 2000.

LOUREIRO, A. M. L. **Velhice: encantos, desencantos...reencantos**. In: Revista Humanidades. Brasília: Editora Universidade de Brasília. n. 46, out. 1999.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. Migrantes e Refugiados: por uma Cidadania Universal. In: **Refúgio, Migra es e Cidadania**. Brasília: Instituto Migra es e Direitos Humanos, 2006.

MARTINS, J. Não somos cronos, somos kair s. In: **Revista Kairós**. n.1 São Paulo: EDUC, 1998. pp.11-24.

MEDEIROS, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. PY, L. (org.) Rio de Janeiro: NAU editora, 2004.

MEIRELLES, M. M. **História do Maranhão**. 2 ed. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão. 1980.

MELO, Francivaldo. **História do Maranhão**. São Luís: Editora Alpha, 2006.

MENEZES, M. L. P. **Tendências Atuais das Migrações Internas no Brasil**. II Colóquio Internacional de Geografia. Juiz de Fora. 2004. Disponível em www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo5/e5%20191.htm – Acesso em 16 de mar 2006.

MERCADANTE, E. F. **A construção da identidade e subjetividade do idoso**. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 1997.

MESSY, J. **A Pessoa Idosa Não Existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Ed. Aleph, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7 ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e o retorno ao Nordeste**: padrões etários, por sexo e origem/destino. In: Revista Fundação SEADE: São Paulo em Perspectiva. V. 19 N.4 P 134-143 out/dez. São Paulo: SEADE, 2005.

OLIVEIRA, P.S. (Org.) “Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas” In: **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2001.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Comissão de População. Imigração cresce 36 milhões no mundo em cinco anos**. Disponível em <http://noticias.uol.com/midiaglobal/elpais/2006/04/13ult58ul1649.jhtm>. Acesso em 29 abr 2006.

PASCHOAL, Marcio. **Pisa na fulô mas não maltrata o carcará**. Vida e obra do compositor João do Vale, O poeta do Povo. Rio de Janeiro, Lumiar Editora. 2000.

PASTERNAK, Suzana; BÓGUS, Lucia M. Machado. **Migração na Metrópole**. In: Revista Fundação SEADE: São Paulo em Perspectiva. V. 19 N.4, p. 21-47 out/dez. São Paulo: SEADE, 2005.

PASTORAL DO MIGRANTE. **18ª Semana do Migrante: Nossos Pais nos contaram...** disponível no site: www.migracoes.com.br/texbase.html Acesso: 05 de nov 2004.

PÓVOA NETO, H. **A produção de um estigma**: Nordeste e nordestinos no Brasil. In: **Revista Travessia**. nº 56 maio-agosto. São Paulo: CVP, 1994, pp. 20-22.

PENNA, M. **Caçando um lugar**: a identidade regional no trajeto da exclusão. In: Revista Travessia. nº 56 maio-agosto. São Paulo: CVP, 1994, pp. 17-19.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacher Editores, 2001.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

_____. **Da totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da USP, 2005.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. de O. **Teorias das migrações internacionais**. XII Encontro da ABEP. 2000. pp 01-19. disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf acesso em: 26 de mai. 2005.

SEADE. Conheça os fatos de uma metrópole feita de migrantes. In: **Folha de São Paulo online**. 2006. disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/saopaulo448/cronologia.shtml> 18 de agos 2006.

SINGER, P. Migrações Internas: Considerações Teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. (org.) **Migrações Internas**: Textos Selecionados. Fortaleza: BNB, 1980.

SOARES, W. **Para além da concepção metafórica de redes sociais**: fundamentos teóricos da circunscrição topográfica da migração internacional. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Minas Gerais. 2002.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Trocando Olhares**: Uma introdução à construção sociológica da cidade. São Paulo. Studio Nobel: EDUC, 2000. (Coleção Cidade Aberta)

_____. **DiverCidade**: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: EDUC, 2003.

WIPEDIA. Enciclopédia Livre. **Migração no Brasil**. 2000. disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nordeste> acesso em 20 de agosto 2006.

ANEXO 1: FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Dados de Identificação

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Profissão:

Aposentadoria / Ocupação Atual:

Parentescos: Pais /Irmãos/ Parentes /Filhos:

Quanto tempo vive em São Paulo:

Mora sozinho? Se não, com quem:

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Título do Projeto: “O envelhecimento dos migrantes: diálogos com maranhenses residentes em São Paulo”.
2. Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária nesta pesquisa, que visa um estudo mais aprofundado do significado de envelhecer, as subjetividades vivenciadas e as identidades sociais percebidas.
3. O (a) senhor (a) participará de uma entrevista individual que seguirá um roteiro orientador, elaborado pela pesquisadora, onde serão abordados os principais tópicos relativos ao assunto da pesquisa, que será anotada e gravada em fita cassete.
4. Após todas as entrevistas realizadas, o material será analisado mediante a técnica de análise de conteúdo.
5. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
6. Não será divulgada a identificação de nenhum entrevistado.
7. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo.

Acredito ter sido suficientemente instruído a respeito das informações que li ou que formam lidas para mim, descrevendo a pesquisa.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confiabilidade.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Data: ____/____/____.

Assinatura do entrevistado

Livia Cristina Costa Carvalho
Mestranda do Programa de Estudos
Pós-Graduados em Gerontologia

ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Fale do momento que o (a) senhor (a) decidiu deixar o Maranhão;
- Lembranças da chegada (como foi sua vinda para São Paulo);
- Retornou alguma vez para lá;
- Qual o (s) motivos (s) de continuar morando aqui;
- Contato com velhos neste período e/ou no local de origem;
- Como se vê agora;
- Ser maranhense em São Paulo é...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)